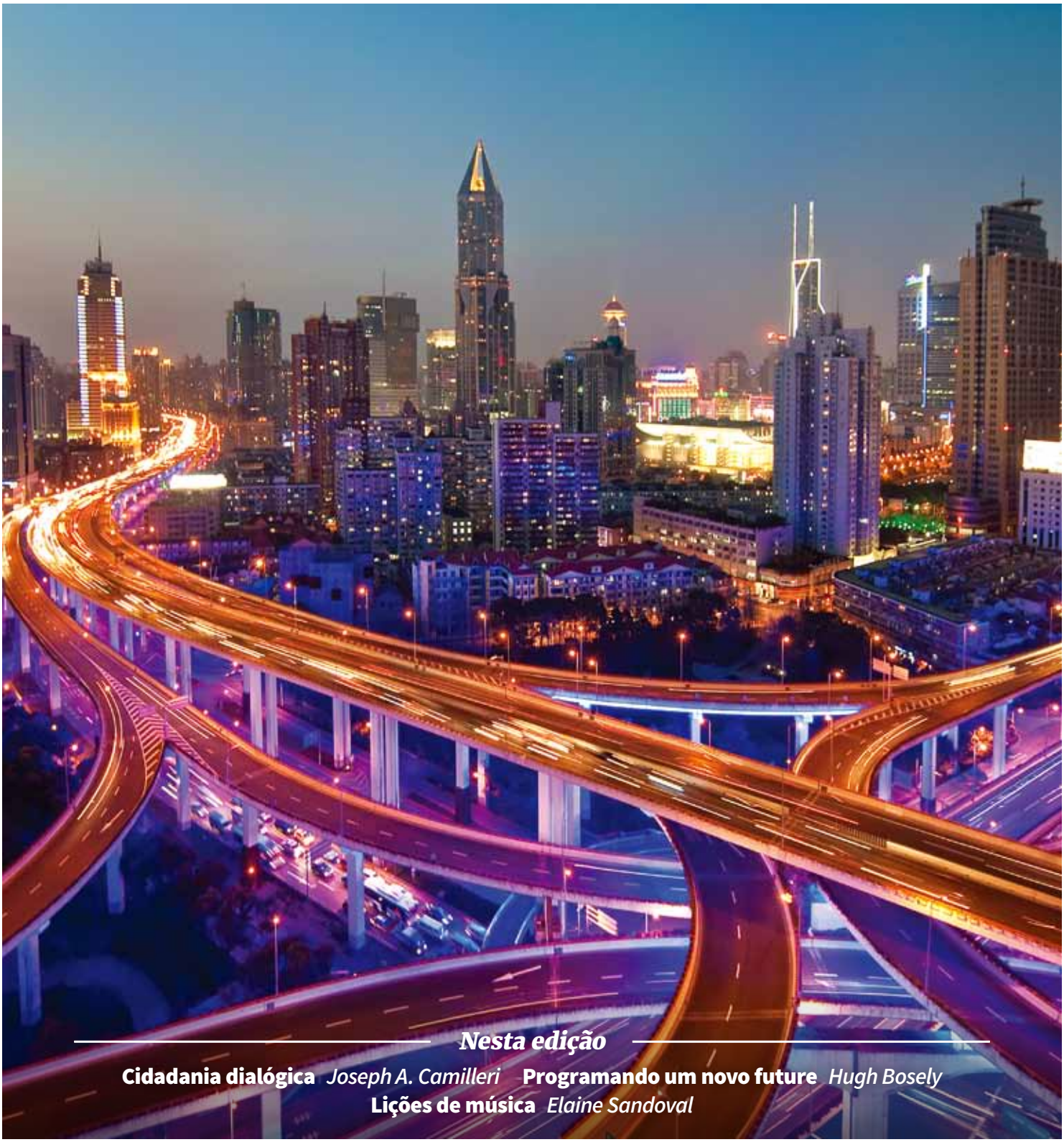
Soka Gakkai Internacional

SGI Quarterly

Um fórum budista pela paz, cultura e educação

Número 87 | **Janeiro 2017**



Nesta edição

Cidadania dialógica *Joseph A. Camilleri* **Programando um novo future** *Hugh Bosely*
Lições de música *Elaine Sandoval*

The *SGI Quarterly* reúne vozes de uma série de indivíduos e grupos que exploram respostas criativas para os desafios comuns do nosso tempo.

O *Fórum* tem como objetivo gerar diálogo e interesse em temas relacionados com a construção de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos para a melhoria da sociedade. Para ver o arquivo das edições anteriores e participar com a sua opinião, visite Common Threads, uma página no Tumblr criada pela Soka Gakkai Internacional (SGI), em commonthreads.sgi.org.

Em Foco destaca as atividades das organizações da SGI e instituições afiliadas ao redor do mundo; *Pessoas e Perspectivas* apresenta histórias e reflexões sobre a visão budista da vida; e *Budismo na Vida Diária* explora princípios budistas e sua aplicação à vida moderna.

As opiniões expressas nesta revista não são necessariamente as da SGI. A solicitação para reimpressão de qualquer texto traduzido da revista ou de qualquer texto do *Common Threads* deve ser encaminhada para o e-mail: quarterly@sgi.org; e da parte brasileira, para o e-mail: rp@bsgi.org.br. Os artigos originais desta edição (em inglês) podem ser baixados do site da SGI: www.sgi.org.br. A versão em português em breve estará disponível no site da BSGI.

Edição editorial:

Anthony George
Azumi Tamae
Margaret Sutherland
Marisa Stenson
Michael Salsbury
Motoki Kawamorita
Richard Walker
Sonal Malkani
Yoshiko Ogushi
Yoshinori Miyagawa

Edição em português:

Coordenação:
Divisão de Relações Públicas da BSGI

Colaboradores:
Aline Carolina Omai de Mello
Ana Cristina Lopes
Celi Yuri Shimabukuro Saito
Fernanda de Castro Caetano
Flávia de Araújo Sapienza
Henrique Kubota
Luana Freitas
Luci Goshima da Costa
Maria Alice da Costa
Michele Carla da Silva Caramigo
Marta Gomes da Silva
Mitiyo Santiago Murayama
Monica Kimura
Núbia dos Santos
Priscila Pommerening Kajita
Renata Pereira Miranda
Rosangela Aparecida Arruda
Rosangela Magda de Oliveira
Silvana Vicente
Solange Tobaja Aidar
Sonia Sanae Morita Marcello da Silva
Tabata Mayumi Yamada Marques
Talita Gomes de Santana Marcitelli
Vivian Francisco de Oliveira

Publicado pela Soka Gakkai Internacional
Direção de Arte & Design: Modis Design
© 2017 Soka Gakkai Internacional
Todos os direitos reservados.
Impresso no Brasil.

"Essas novas sensibilidades, que surgiram de diversas experiências musicais, mudaram meu próprio modo de pensar e de imaginar as experiências dos outros."
Elaine Sandoval
06

08

"Noções individualistas de cidadania são nitidamente inúteis ao lidarmos com realidades complexas de diferenças étnica, racial, cultural e civilizacional."
Joseph A. Camilleri
16

20

Créditos das fotos: (acima) Foreign and Commonwealth Office/CC BY; *(abaixo)* © Thomas Barwick/Getty Images

Índice

Fórum

02 **Programando um Novo Futuro**
Entrevista com Hugh Bosely

06 **Lições de Música**
Elaine Sandoval

08 **Mulheres Planejando a Paz**
Asha Hans, Betty Reardon e Anwarul K. Chowdhury

13 **A Lição de Alethea**
Bayo Akomolafe

16 **Cidadania Dialógica**
Joseph A. Camilleri

20 **Cultivando as Raízes das Comunidades Resilientes**
Daisaku Ikeda

Pessoas e Perspectivas

22 **Um Futuro Ético para a Moda**
Satoru e Kiyoshi Inoue

Em Foco

26 **Sementes da Esperança: O Poder de uma Única Pessoa**
Barbara Jenkins

BSGI em Foco

28 **Resiliência e Empoderamento**

Budismo na Vida Diária

32 **O Sutra do Lótus**

Programando um novo futuro

Entrevista com Hugh Bosely

ReBootKamp (RBK) é um programa de treinamento técnico imersivo para refugiados — o primeiro deste tipo no mundo árabe — que fica próximo ao campo de refugiados de Zaatari, em Amã, Jordânia.

Utilizando um poderoso método inovador de treinamento, o RBK desenvolve engenheiros de software de altíssima qualidade — concluindo em quatro meses o que normalmente levaria quatro anos em uma universidade — empoderando os refugiados com habilidades muito procuradas para ajudá-los a sair da pobreza.

O programa RBK é ministrado doze horas por dia, seis dias na semana por dezesseis semanas. De acordo com a boa prática humanitária, o RBK treina um número equivalente de refugiados e população local em situação de risco. O RBK também promove um programa de acompanhamento, por meio do qual profissionais de tecnologia de qualquer parte do mundo podem "adotar" um estudante RBK, permitindo que ele seja introduzido à cultura de sua futura profissão e comece a construir sua rede de relacionamento profissional.

***Hugh Bosely**, fundador e diretor executivo do RBK, descreve como o programa está transformando a vida daqueles que foram deslocados devido a guerra e conflitos.*

Crédito da foto: Alaa Kahel

O que levou à criação do ReBootKamp?

Em 2014, eu estava trabalhando com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados estabelecendo programas esportivos para os residentes do campo de refugiados de Zaatari no norte da Jordânia. Depois de uma visita ao campo, em meados de outubro, perguntei a uma representante das Nações Unidas quantos computadores públicos havia ali. Ela respondeu: "Nenhum", o que era um pouco alarmante considerando que, na época, esse campo era a quarta maior cidade da Jordânia. No caminho de volta para Amã naquele mesmo dia, delineei um programa de treinamento para promover a inclusão digital. Formulando o conceito, conectei três pontos: (1) há mais de 10 milhões de vagas de emprego não preenchidas pelo mundo todo por falta de qualificação, das quais 2 milhões são referentes a trabalhos na área de tecnologia; (2) existe um enorme contingente intelectual inexplorado nos campos de refugiados; e (3) nota-se um aumento de aceleradores de carreira (programas de treinamento especializado em desenvolvimento de sistemas).

Os programas de treinamento surgiram como uma forma rápida de tirar completamente os refugiados e suas famílias da pobreza. Fiquei impressionado ao perceber que poderíamos utilizar um problema (imigração forçada e enorme potencial intelectual) para resolver outro (a lacuna de mais de 10 milhões de vagas disponíveis por falta de qualificação). De volta aos Estados Unidos, elaborei um plano utilizando tecnologias inovadoras em programas de treinamento para rapidamente desenvolver o conhecimento e habilidade dos refugiados e apresentei a proposta para meus contatos no Zaatari. Para minha surpresa, eles a aceitaram e, no segundo trimestre de 2015, tínhamos detalhado as particularidades do projeto e esboçado um contrato de parcerias. Nesse ínterim, fechei parceria com uma das maiores instituições na área de programas de treinamento técnico do mundo, a Reactor Core, cuja escola parceira, a Hack Reactor, está fornecendo equipe, grade curricular e um expressivo suporte.

Você pode nos dar uma visão geral de como os candidatos são selecionados e o que faz o treinamento ter muito sucesso?

O aprendizado é imersivo, feito com rapidez (um complexo conhecimento é dividido em partes menores) e utiliza de ampla equipe de orientadores — dez orientadores para trinta alunos. Nosso treinamento e estratégia incluem:

- processo seletivo criterioso que avalia características relacionadas à liderança;
- os participantes que trabalham em duplas e o aprendizado baseado em problemas. Utilizamos também o método "fire hose" (mangueira de incêndio), no qual o conteúdo é transmitido mais rápido do que os estudantes podem assimilar;
- pedagogia baseada em falhas, na qual os estudantes utilizam tentativa e erro inúmeras vezes até encontrarem a resposta e, no final, é dada uma palestra de como proceder;
- treinamento de aprendizagem autônoma, em que é ensinado ao aluno como se manter atualizado e como se adaptar às mudanças tecnológicas;
- foco no desenvolvimento de habilidades interpessoais que são promovidas por meio de dramatizações e projetos em grupo, por exemplo;
- treinamento prático e gradual;
- apoio psicossocial que inclui duas sessões semanais de terapia em grupo, conhecidas por "tapouts" e também aconselhamento psicológico individualizado;
- treinamento de autoconhecimento utilizando exercícios interativos como ioga, meditação e visualização *mindfulness*;
- apoio em pós-graduação.

O parceiro cofundador da RBK, Hack Reactor, possui uma trajetória comprovada. O treinamento é 100% voltado ao mercado de trabalho e tem como foco formar técnicos de informática iniciantes e de nível médio, com sólida qualificação técnica, forte habilidade interpessoal e sólida capacidade de aprendizagem autônoma.

Como os estudantes apoiam uns aos outros em relação aos traumas dos conflitos e do deslocamento?

Apesar de acharmos que o estresse do treinamento intensivo poderia agravar o estresse oriundo do deslocamento, de modo geral ocorre o oposto. A intensidade do treinamento tem, de fato, suplantado o trauma, tornando-se um poderoso mecanismo de amortecimento. Em paralelo, no currículo estão inclusas duas terapias em grupo semanais que são conduzidas por conselheiros treinados. Os estudantes adoram essas sessões por ser a primeira vez, no contexto educacional, que eles são questionados sobre como se sentem no processo de aprendizagem. Esses encontros nos permitem entender ou

reduzir quaisquer barreiras emocionais que possam interferir no aprendizado, estabelecendo um caminho mais direto para o conhecimento. Nós também oferecemos sessões individuais de apoio psicológico e um acompanhamento mais aprofundado quando necessário.

Todo o time recebe treinamento para identificar e responder a uma desordem de estresse pós-traumático.

Qual é o motivo de reservar 60% das vagas para mulheres?

A decisão de favorecer jovens mulheres foi motivada primeiro por considerar que, na cultura árabe, as mulheres normalmente têm um desempenho acadêmico superior aos homens. Isso se converte em características que o mercado de TI [tecnologia da informação] valoriza — habilidades interpessoais, profissionalismo, autoconhecimento e aprendizado autônomo. Como somos uma organização baseada em resultados, as mulheres aumentam nossa capacidade de sermos eficazes e assim empoderamos mais jovens.

O segundo motivo é porque as mulheres, enquanto classe, têm sido submetidas a uma discriminação institucionalizada e o RBK está proativamente desafiando atitudes arcaicas e promovendo a igualdade. Terceiro, a taxa de desemprego entre as mulheres é muito alta, aproximadamente 80% em algumas áreas. Associado a isso há a pressão para se casarem cedo, assim o caminho para as jovens saírem da pobreza é muito mais íngreme. As jovens no nosso programa têm tido mudanças dramáticas de mentalidade e na visão do mundo como resultado direto da experiência no RBK.

Alguns relatos relevantes de participantes incluem:

> Minha experiência no RBK me deu muito mais autoconfiança. Eu realmente sinto que posso aprender qualquer coisa agora. Estou mudada. Não consigo dizer exatamente como, mas vejo as coisas de forma diferente agora. Eu me sinto mais capaz, mais no comando.
>
> *Elham Rababah, Jordânia*

> RBK me ensinou a ser mais paciente. Vejo as coisas de forma mais prática agora. Estou mais autoconfiante e me sinto mais capaz de encontrar as respostas para minhas questões e também para as das outras pessoas. Agora acredito que posso aprender qualquer coisa ao contrário de antes, e agora tenho mais confiança em minhas habilidades.
>
> *Mihyar Almasama, refugiada da Síria*

> Aprendi mais em um mês do que em quatro anos na universidade.
>
> *Mohammad Dabdab, refugiado do Iraque*

Além dos benefícios de poder deixar o campo de refugiados, tornar-se independente e ter um emprego estável, quais seriam outras habilidades que o estudante adquire? Que tipo de suporte o RBK oferece aos estudantes quando eles são realocados em outro país para trabalhar?

Fundamentalmente, nossos graduados são contratados não pela sua habilidade para programar — eles podem! —, mas devido às suas habilidades interpessoais e capacidade de aprender de forma autônoma. Nossos graduados são: colegas de trabalho divertidos; bons comunicadores e sabem escutar; capazes de trabalhar em equipe e criar consenso; excelentes em resolver problemas; e, por fim, são o tipo de funcionário que irá crescer e talvez, algum dia, venha a liderar a companhia ou será, de fato, promotor da paz. O mais importante, eles

▲ Estudantes realizam uma apresentação

têm a capacidade de "se aprimorar" e, se necessário, também conseguem se reorganizar. A tecnologia muda rapidamente. Você pode ser um especialista hoje e ficar ultrapassado amanhã. Os programas das universidades não ensinam habilidades interpessoais e também não ensinam como aprender de forma autônoma.

Para nossos parceiros que contratam, essas habilidades são de longe mais importantes que a habilidade técnica. Nós ensinamos as duas coisas para nossos estudantes.

O time do RBK é focado em combinar graduados com empregadores que melhor se encaixam em seus interesses e

Crédito da foto: Hugh Boseley

Estudantes conversam numa sessão de terapia em grupo sobre os desafios que estão enfrentando durante o treinamento e como superá-los

nos seus objetivos de carreira. Nós temos dezenas de parceiros empregadores locais e em outros países.

Por sermos fundamentalmente um instituto para a paz que oferece aos graduados os tipos de habilidades necessários para reconstruir um país, nós desencorajamos a imigração internacional, pois isso reduz a probabilidade de participação no processo de promoção da paz e reconstrução.

Assim sendo, descobrimos um mecanismo pelo qual nossos graduados podem ser empregados por parceiros internacionais, porém trabalhando localmente. É chamado "assento virtual", no qual os graduados são contratados diretamente pelos nossos parceiros do Vale do Silício mas trabalham na Jordânia, no espaço que fornecemos.

Essencial para nosso sucesso e impacto é manter uma forte rede de relacionamento de alunos e promover um suporte de carreira para vida inteira. A experiência no RBK é uma mudança de vida e os alunos querem continuar conectados com a escola, retornando como convidados para palestrar e aconselhar. Adicionalmente, RBK oferece workshops gratuitos nos fins de semana sobre empreendedorismo, gerenciamento, scrum master e outras certificações técnicas.

Quais são as transformações mais dramáticas que você já viu nos estudantes pelo envolvimento com o RBK?

No início do treinamento, faço uma palestra de autoconhecimento de dois minutos, na qual desenho um círculo de um lado da lousa e um quadrado do outro. Aponto para o círculo e digo "Isto É quem você é". Depois, aponto para o quadrado e falo "Isto é quem você PENSA ser". Estudantes conversam comigo posteriormente dizendo quanto aquela aula mudou a vida deles, dizendo que pela primeira vez tomaram consciência de si mesmos. Esse entendimento é dramático e transformador também. A habilidade de se desenvolver deve estar embasada em um entendimento correto sobre si mesmo e marca o começo de um caminho de felicidade e sucesso. Nas palavras de um estudante, "Eu agora tenho uma razão para viver".

Hugh Bosely é fundador e diretor executivo do ReBootKamp (RBK), uma instituição sem fins lucrativos com sede em Amã, Jordânia, e em São Francisco, Estados Unidos. Ele acredita fortemente no poder da educação para fundamentalmente transformar a sociedade e no uso da tecnologia para promover a paz. Para mais informações, visite rbk.org.

Crédito da foto: Hugh Bosely; *(foto do autor)* Alaa Kahel

▲ Dançarinos folclóricos

Lições de música

Elaine Sandoval

Ao refletir sobre a expansão de suas experiências com a música, ***Elaine Sandoval*** *nos convida a considerar as possibilidades de uma educação musical cosmopolita e como isso pode mudar nossa compreensão do mundo.*

Quando estava no ensino fundamental 1, minha mãe me levava para concertos de orquestras. Ainda me recordo de sua inclinação [para a música] antes da apresentação ou enquanto aguardávamos na fila do banheiro durante o intervalo, encorajando-me silenciosamente a observar as pessoas ao nosso redor. Por meio dessas observações demográficas, aprendi que muitas vezes elas não se pareciam conosco, mas eu também poderia me imaginar pertencendo a este espaço, especialmente se praticasse bastante como música clássica.

No ensino fundamental 2, eu tocava em um pequeno conjunto de sopro com outras garotas da minha idade, e gostávamos de um repertório que continha algumas peças marciais japonesas. Certo dia, nosso ensaio foi gentilmente interrompido quando um treinador nos estimulou a pensar em como nossa plateia da região da Baía de São Francisco, que frequentemente incluía imigrantes coreanos, taiwaneses e chineses, se sentiria ao ouvir aquelas músicas que remetiam a um passado violento da época colonial.

Todos os dias, no ensino médio, eu deslizava em sapatos de dança com salto em uma hora de treinamento de dança folclórica mexicana. Como passava o dia em escola pública, onde muitas vezes lutava para me identificar com o conteúdo de nossas aulas de história ou mesmo com o repertório da banda de concerto, as aulas de dança folclórica eram como um momento secreto em que poderia imaginar a sensação de abraçar plenamente a minha herança, as memórias dos meus avós e de estar em um mundo que não requeria assimilação.

Na China, durante um curso da faculdade no exterior, a avó que me hospedou me levava no fim de semana para aulas de um coral de idosos, no qual as músicas e memórias da era Mao eram revigoradas. Adequando minha voz a harmonias desconhecidas e a novas palavras chinesas que eu estava aprendendo na aula, minha boca e trato vocal pareciam se tornar como os deles e meu corpo aprendeu a imaginar o orgulho e a nostalgia que estavam revivendo, mesmo quando contrariavam as narrativas que eu estava aprendendo nas aulas de história.

Crédito da foto: Corona/CC BY-ND

Em 2013, uma colega de classe foi ferida no atentado na Maratona de Boston. Apenas algumas semanas depois, planejamos uma pequena cerimônia de graduação para nossa confraria musical. Enquanto vários membros do nosso grupo queriam celebrar com música, ela compartilhou conosco como sua ansiedade continuou a aumentar dolorosamente com o som alto. Como estávamos todos empenhados em promover os valores da educação musical, também tivemos de imaginar a experiência da música de outras maneiras para um corpo traumatizado e temporariamente capacitado.

Nossos típicos modelos de educação musical com frequência se baseiam nos valores da música clássica ocidental, tendendo a privilegiar a ideia que compreendi desde a infância — que a educação musical é valiosa como um mecanismo de mobilidade social ou como um caminho para adquirir conhecimentos e hábitos de "alta" cultura e habilidades para o sucesso no local de trabalho. Treinei, séria e rigorosamente, como música clássica por mais de uma década e, de fato, conquistei muita compreensão e habilidades privilegiadas. Mas é sobre essas outras experiências de educação musical que continuo a refletir. Essas experiências me obrigaram a imaginar realidades diferentes e contextos além dos meus; imaginações que exigiam nova ousadia, desconforto e reflexividade, e que mudaram minha compreensão do mundo.

> Entendo a música como algo capaz de cultivar a imaginação, a abertura e o senso de si necessários para navegar em mundos culturais cada vez mais complexos.

Por muito tempo, as ideias de educação musical enfatizaram o valor da mobilidade ascendente. Porém, acredito que a pedagogia da música também permite a mobilidade em múltiplas dimensões. É um espaço que pode dar acesso a formas alternativas de ser, a uma compreensão empática das experiências dos outros e a uma compreensão aprofundada da própria comunidade. Como tal, entendo a música como algo capaz de cultivar a imaginação, a abertura e o senso de si necessários para navegar em mundos culturais cada vez mais complexos.

O filósofo da educação David Hansen consideraria essa sensibilidade como forma de cosmopolitismo. Hansen esclarece que uma educação cosmopolita cultiva de imediato a lealdade ao conhecido e uma abertura para o novo, bem como uma compreensão de diferentes maneiras de ser no mundo. Acredito que aprender música, especialmente músicas que representam uma diversidade de contextos sociais, contribui imensamente para promover o cosmopolitismo.

Minhas próprias experiências musicais casuais me ensinaram a dar abertura a outras formas de experimentar a música, aquelas que representavam lembranças históricas, mundos sociais e sentimentos incorporados, que eram completamente novos para mim. Elas também me deram espaço para entender mais profundamente o que já era familiar e para abraçar minha herança lealmente como fonte de minha própria força. Além do mais, essas experiências musicais interromperam — às vezes, desconfortavelmente — ideias e valores que já me haviam ensinado. Em vez disso, ensinaram-me a questionar meu entendimento sobre a música clássica como algo intrinsecamente valioso, da neutralidade e da universalidade das experiências musicais e da música de culturas minoritárias como as pertencentes à periferia.

Essas novas sensibilidades, que surgiram de diversas experiências musicais, mudaram meu próprio modo de pensar e de imaginar as experiências dos outros. Mas elas também me levaram a repensar o que poderia ser incluído na educação musical. Desenvolver uma educação musical que busca o cosmopolitismo não só permite novas maneiras de imaginar individualmente, como também radicalmente reimaginar nossas normas pedagógicas. As experiências musicais que compartilho aqui são únicas e acidentais, e ainda não tenho muitas propostas concretas para pôr essas ideias em prática. Por ora, faço isso como ponto de partida e convido os outros a se juntarem a mim para pensar em como seria uma educação musical cosmopolita em ação.

Elaine Sandoval é doutoranda em etnomusicologia no Centro de Graduação da Universidade da Cidade de Nova York e possui mestrado em música pela Universidade de Oxford. Também é pesquisadora afiliada da Associação de Concertos Min-On em Tóquio, Japão.

▲ Mulheres sudanesas em Dar El Salam, no norte de Darfur, discutem o impacto potencial da Resolução nº 1.325 em um fórum da Unamid 2011 sobre os progressos realizados no Estado no que se refere às questões das mulheres

Mulheres planejando a paz

Um diálogo sobre o futuro da Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança da ONU

Asha Hans, Betty Reardon e Anwarul K. Chowdhury

A Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre as mulheres, a paz e a segurança, adotada em 31 de outubro de 2000, é uma resolução histórica que reafirma o importante papel das mulheres na gestão e resolução de conflitos e uma paz sustentável. Estimula a maior participação das mulheres e a incorporação de perspectivas de gênero em todos os esforços de paz e segurança da ONU (Organização das Nações Unidas).

A seguir, trecho de um diálogo realizado em 27 de outubro de 2015 entre os três principais defensores dessa resolução. O diálogo é parte da "Série de Oradores Distintos da Cultura de Paz da SGI-Estados Unidos", que tem como objetivo envolver as pessoas no diálogo sobre valores, atitudes e comportamentos que rejeitam a violência e inspiram energia criativa para a resolução pacífica de conflitos.

Crédito da foto: Albert Gonzalez Farran/UNAMID/CC BY-NC-ND

Anwarul Chowdhury (mediador): Acredito que este diálogo sobre o futuro da Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas é realmente um diálogo sobre o futuro do mundo — da humanidade — porque, a menos que asseguremos a participação igualitária dos homens e das mulheres em todos os níveis de tomada de decisão, estaremos deixando para trás 50% da humanidade, e isso não será bom para o futuro do mundo.

A Resolução nº 1.325 é uma expressão maravilhosa de como a sociedade civil pode ajudar o mundo a avançar com este movimento e como a ONU pode movimentar a agenda de maneira correta. A resolução tem sua origem em 1995, com a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim. Foi quando as pessoas começaram a pensar por que o setor de segurança — o setor da paz — estava ignorando o papel e a contribuição das mulheres. Quando as ONGs voltaram de Pequim, começaram a trabalhar ativamente na resolução.

Acredito que este diálogo sobre o futuro da Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas é na verdade um diálogo sobre o futuro do mundo — da humanidade.

A princípio, não houve interesse dos membros do Conselho de Segurança em se mover nessa direção. Os membros permanentes, em particular, se opuseram a ela. Na época, eu era embaixador de Bangladesh nas Nações Unidas e fizemos lobby com outros membros, pois eu já vinha trabalhando havia muito tempo na agenda da cultura de paz com o apoio da sociedade civil em geral.

E então a oportunidade veio em 2000, quando Bangladesh fez sua adesão à mais poderosa entidade das Nações Unidas, o Conselho de Segurança. Como líder representante do meu país junto ao conselho, pensei que esta seria uma boa oportunidade para que eu pelo menos começasse a falar sobre isso, visto que outros embaixadores não estavam dispostos a fazê-lo. Apesar de muita dificuldade, em março de 2000 foi possível fazer uma declaração por consenso dos quinze membros do Conselho de Segurança que enfatizou que a paz está inseparavelmente ligada à igualdade entre mulheres e homens e, desse modo, também ressaltou que a contribuição feminina para a paz e a segurança traz uma melhoria qualitativa tanto na construção da paz como na arquitetura da paz pós-conflito.

Em março de 2000, não foi possível obter uma resolução formal pelo conselho, de modo que a sociedade civil trabalhou diligentemente para mudar a oposição à resolução, e após oito meses de trabalho árduo e lobby, finalmente em 31 de outubro de 2000 conseguimos formalizar uma resolução. Essa é uma história sinóptica do que aconteceu antes que a Resolução nº 1.325 se tornasse realidade.

Quinze anos se passaram — onde estamos com a implantação? Essa é a grande questão.

O Conselho de Segurança decidiu que para a efetivação da Resolução nº 1.325 em nível nacional, cada país deveria preparar um Plano Nacional de Ação, e os governos seriam obrigados a fazê-lo, uma vez que é uma decisão do Conselho de Segurança.

Lembro-me de que no 10º aniversário da 1.325, Asha e eu discutimos isso, e ela disse: "Nosso governo sente que nosso país não está em conflito", e em resposta a isso digo que qualquer país ou qualquer sociedade onde as mulheres são discriminadas, onde não há igualdade e onde há violência contra mulheres e meninas — nenhuma sociedade assim pode dizer que não está em conflito. Esse país está em conflito consigo mesmo.

Dos 193 Estados-membros, após quinze anos, temos apenas cinquenta Planos de Ação Nacional, e isso é verdadeiramente decepcionante. Recentemente, sugeri que deveríamos acelerar esse processo e definir um objetivo de cem planos nacionais até 2017.

Mas nos casos em que os governos nacionais estão desinteressados na preparação de tais planos, como as pessoas podem assumir a agenda 1.325? Foram-se os dias em que tínhamos de esperar que nossos governos se movessem — podemos fazer a mudança, e temos de decidir isso. Asha está tentando preparar no país o que chamamos de "Planos de Ação Popular". Asha, por que você não nos fala um pouco sobre isso?

Plano de ação popular

Asha Hans: O que as mulheres ativistas fazem para a Resolução nº 1.325?

Como elas lidam com um Estado que não permite um Plano de Ação Nacional? Nós nos sentamos silenciosamente e dizemos, "OK, o Estado não permite, então não podemos fazer nada?". Mas, nós podemos. Se não podemos ter Planos de Ação Nacional, então podemos criar Planos de Ação Popular.

Uma das coisas que temos de reconhecer é que os Estados procuram a saída mais fácil. Muitos deles dirão: "Ah, mas já estamos seguindo a 1.325". Alguns dirão: "Hoje temos muito mais mulheres nas forças armadas, então isso já é a 1.325". Outros dirão: "Nós temos mais mulheres pacifistas, isto é a 1.325. "É desta 1.325 a qual estamos falando? Como lidamos com coisas

assim, quando na Resolução nº 1.325 as mulheres estão no centro, mas dentro do Estado e na sociedade civil temos um sistema patriarcal? Então, se você tem um patriarcado dentro de casa ou dentro do Estado, esse patriarcado está interligado de baixo para cima, colocando obstáculos à implantação da 1.325 em todos os níveis.

Eles negligenciam a atuação das mulheres, não têm fé em sua competência — esse é o ponto principal. Então, se esse é o fundamento, como as mulheres saem dessa armadilha patriarcal para se reunir, se preparar e falar sobre o plano de ação do povo?

Acho que uma das maneiras mais fáceis de fazê-lo — e que já está acontecendo em vários países — é o que são chamados de "planos de ação locais". Assim, você tem uma série de planos de ação que podem se fundir para formar o que é denominado plano de ação popular em níveis nacional e regional.

Penso que a primeira característica de um plano de ação do povo deve ser a propriedade pelas mulheres. Se as mulheres não têm propriedade desses planos, eles não irão funcionar. As mulheres devem ser agentes de mudança e criarão as mudanças se os planos estiverem estabelecidos. Aqui não estamos falando de um plano de ação popular que veja a fronteira da Índia, com Bangladesh de um lado e o Paquistão do outro; e sim da solidariedade das mulheres através das fronteiras. Estamos falando de transnacionalismo, de mulheres ativistas da sociedade civil dando as mãos além das fronteiras — isso é um plano de ação popular. O que temos de procurar em nível local são oportunidades de se juntar a outros em nível transnacional.

Um erro que muitos da minha geração cometeram foi pôr ênfase no conflito. Acredito que temos de mudar nosso pensamento e falar mais sobre a paz no subcontinente do que sobre o conflito. Vamos parar de falar sobre o conflito; vamos nos concentrar na paz e em como criá-la. Precisamos falar sobre estudos de paz e educar para a paz. Necessitamos conversar com as crianças e prepará-las para satisfazer as necessidades que o conflito lhes nega, prepará-las para construir um futuro pacífico, que é o propósito principal da 1.325.

Anwarul Chowdhury: Asha, muito obrigado, é muito energizante ouvi-lo, porque o que você acabou de nos dizer apresenta uma série de elementos-chave. Mesmo nos países onde os planos nacionais existem, mas apenas no papel, as mulheres em nível comunitário estão dizendo "Nós não esperamos o governo. Temos de criar nossa própria energia para trazer a paz à nossa sociedade, à nossa comunidade", e isso é algo maravilhoso.

Betty, por favor, fale um pouco sobre segurança humana, pois acredito que isso é algo que precisamos conectar de alguma forma com a maneira como a 1.325 possa ser implementada, como o Conselho de Segurança estará disposto a cuidar da paz e da segurança mundial.

O significado de segurança humana

Betty Reardon: Minha atração pela 1.325 é que essa resolução se destina a empoderar as mulheres na área que controla o mundo, a arena do poder e da segurança. Se fosse totalmente implementada, o mundo poderia ser transformado. Grande parte do mundo ainda não está pronta para isso, inclusive e especialmente os Estados soberanos que não elaboraram planos de ação nacionais.

A segurança humana é o bem-estar humano — é isso que significa segurança. Se você pode viver com a expectativa de que amanhã será um bom dia, que terá o que precisa para amanhã, isto é segurança humana. A segurança humana não é saber que sua nação é tão poderosa quanto a outra, ou mais poderosa. A maioria de nós realmente não se sente muito segura quando ouve isso — alguns podem sentir orgulho nacional e esse tipo de coisa, mas isso não atende as necessidades de vivermos e não nos preocuparmos em como sustentá-la dia após dia.

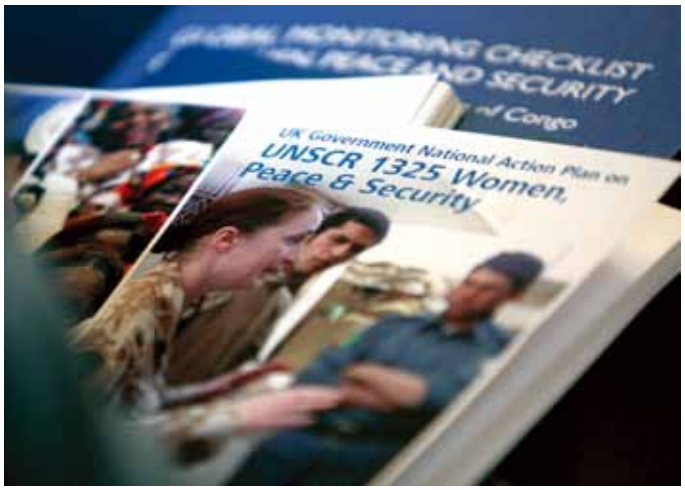
A segurança humana é o bem-estar humano — é isso que significa segurança. Se você pode viver com a expectativa de que amanhã será um bom dia, isto é segurança.

Então, o que fazer para o bem-estar humano? Apenas quatro coisas simples: em primeiro lugar, um ambiente decente e limpo, um ar que pode respirar e comida que pode comer. Em segundo, ter suas necessidades básicas atendidas — moradia, vestimenta, alimento etc. O mais importante, talvez, quando olhamos para a natureza e a causa de grande parte da violência armada atual, é a necessidade de sentir a si mesmo e a seu povo aceitos como seres humanos — o cumprimento dos direitos humanos — de modo que todos nós nos percebemos como possuidores e reconhecedores em outros da dignidade humana, não importando a forma que leve. Qualquer que seja nosso gênero, nacionalidade ou qualquer outra coisa, todos temos o mesmo valor humano.

Por fim, segurança humana engloba o que necessitamos na área de proteção. Precisamos ser capazes de esperar que seremos protegidos de danos evitáveis, e quando os danos inevitáveis acontecerem, nossa comunidade, nossa nação, prestará socorro, nos ajudará a enfrentá-los. Um dos danos mais evitáveis que parece que fomos submetidos para sempre é a guerra. A maior parte do que é preciso para garantir as necessidades de segurança humana é corroída pelos recursos que colocamos na ideia de

▲ Mulheres no campo de gado dos refugiados em Camarões, janeiro de 2016

Crédito da foto: UN Women/Ryan Brown/CC BY-NC-ND



segurança como militarmente mais forte que outras nações. É por isso que necessitamos ter um equilíbrio de gênero na formulação de políticas de segurança, para que os homens que pensam em segurança apenas em termos militares possam interagir com outros que não pensam dessa maneira, como acontece quando há mulheres no diálogo sobre segurança. E a conversa precisa ser, como sugere Asha, em todos os níveis, do local ao global. Mas tem de ser principalmente pela sociedade civil.

As duas coisas mais assustadoras para aqueles que pensam que estão dirigindo o mundo são a implantação da 1.325 e a sociedade civil, porque a sociedade civil está começando a tomar conhecimento do que realmente é preciso para ser verdadeiramente segura. Começamos a nos reunir em grande número. Foi há algum tempo, mas você se lembra da conferência no Rio, quando a sociedade civil internacional nos disse "Outro mundo é possível?". Os poderosos acham esse potencial para a mudança assustador!

Bem, aqui está o que acho que precisamos fazer. Acredito que devemos consolar os assustados. Precisamos chegar até eles e dizer "Olha pessoal, sabemos que todos estão com medo. Nós também estamos assustados, mas vamos ficar com medo juntos e conversar sobre isso para ver se não podemos afastar a violência e a injustiça e trazer para a vida algo que realmente vale a pena lutar". Acho que é disso que estamos falando, quando falamos dos planos de ação popular. Estamos articulando a luta que está realmente acontecendo agora. Nós só temos de começar a olhar para ela e ver o que é possível. Não temos de esperar pelos Planos de Ação Nacionais. A Resolução nº 1.325 é o direito internacional, e o direito internacional pode ser implementado por agentes que não sejam Estados soberanos. Então, acredito que podemos fazer isso, e acho que podemos ajudar uns aos outros a fazê-lo.

Anwarul Chowdhury: A coisa mais importante que precisamos perceber é que não é o empoderamento das mulheres ou o empoderamento dos homens, e sim o empoderamento da humanidade como um todo. Ao defendermos a 1.325, enfatizamos: "Mulheres e homens juntos; temos o poder de empoderar".

Asha Hans é fundadora e ex-diretora da Escola de Estudos das Mulheres da Universidade de Utkal, na Índia, e chefia a Sansristi, um instituto de pesquisa de gênero. É autora e editora de diversas publicações relacionadas com os direitos das mulheres. Ela também é membro da Rede Feminista Acadêmico-Ativista em Desmilitarização (FeDem) e do Fórum de Povos Paquistão-Índia para a Paz e a Democracia.

Betty Reardon, diretora e fundadora do Instituto Internacional de Educação para a Paz, é reconhecida mundialmente como pioneira na teoria e pedagogia da educação para a paz e por promover a paz e a educação para a cidadania global por um enfoque integrado em segurança humana, desenvolvimento sustentável, direitos humanos, ecologia e gênero. Ela publicou amplamente nessas áreas e atuou como consultora de várias agências da ONU e organizações educacionais.

Anwarul K. Chowdhury é internacionalmente conhecido por seu trabalho no desenvolvimento das nações mais pobres, sua defesa de uma cultura de paz e defesa dos direitos das mulheres e crianças. Foi representante permanente de Bangladesh junto às Nações Unidas, presidente do Conselho de Segurança da ONU, presidente da Comissão Executiva da Unicef, subsecretário-geral da ONU e consultor especial sênior do presidente da Assembleia-Geral da ONU.

Créditos das fotos: (acima) Foreign and Commonwealth Office/CC BY; *(fotos dos autores)* Masa Tsujimura

A lição de Alethea

Estranhos regressos e a busca pela comunidade

Bayo Akomolafe

Nosso domínio da natureza, o triunfo de nossa ascendência tecnológica e científica, tem sido ao mesmo tempo um processo de separação da comunidade mais ampla da vida. Nossa viagem de volta à terra, para uma reconexão com as correntes vitais do mundo vivo e na direção de modos de existência novos e mais equilibrados, requer a inquietante aceitação de que os seres humanos não são o centro do universo, escreve ***Bayo Akomolafe****.*

Há uma comunidade polivocal e de celebração que nos rodeia como um torvelinho. Quando deixamos que nossos filhos peguem nossa mão e nos conduzam, podemos chegar a muitos lugares incomuns. Existe uma percepção indecifrável de que nossas crianças — em especial aquelas que não criamos sobre gramados feitos, em prédios gigantescos, e com o labor depreciativo das respostas corretas — são nossos gurus, emissários do impossível, experimentos do pensamento cósmico. As crianças representam o modo em que o universo se reconfigura.

Compreendi isso recentemente de uma maneira muito intensa.

Minha esposa, Ej, nossa filha Alethea e eu morávamos com minha cunhada, em Richmond, Virgínia. Era um condomínio charmoso conhecido como Wesleyan Courts, habitado em sua maioria por imigrantes vindos da Índia para trabalhar nos Estados Unidos. Havia uma enorme piscina, um ginásio comunitário com uma televisão fixada em um suporte de teto para TV, sempre sintonizada num canal de culinária, e homens uniformizados passando rapidamente em veículos utilitários de rodas pequenas que acenavam com a cabeça de modo gentil e com os lábios levemente franzidos, parecendo dizer que tínhamos obtido permissão de continuar vivendo o sonho americano. Era como se cada pretensa lâmina de grama tivesse à disposição um servente dedicado. E as árvores anciãs também faziam sua parte, silenciando a própria imponência para se mostrarem belas aos moradores, nada fazendo para repreender os irrigadores malcriados que lançavam indiferentes jatos d'água em seus troncos.

Era como viver numa casa de bonecas.

Crédito da foto: © Spiderstock/Getty Images

Mas havia algo que compensava aquele arranjo artificial — um belo lago, acessível entre adoráveis árvores que se assemelhavam a cascatas, e uma pequena ponte a poucos passos da piscina comunitária. Durante o dia, na direção leste do lago, podia-se ver um bando de patos flutuando com a maior tranquilidade do mundo.

Certa vez, enquanto brincava com Alethea (algo que não faço tanto quanto deveria — sobretudo pelo encantamento inconveniente de um laptop e uma conexão com a internet), decidi tentar algo diferente. Alethea tem 2 anos, um olhar poderoso e a beleza mágica da mãe. Ela não caminha, anda na ponta dos pés — como se conspirasse com as rajadas de vento dando risadinhas. Adora água. Quando lhe dou um banho, ela protesta aos berros só para ficar com a mão debaixo da torneira — e não quer mais sair de lá. Nesse dia, Alethea queria nadar com seu "papai", como das muitas outras vezes; então, tive de ir. Prometi-lhe que desta vez deixaria que ela me guiasse. Na ponta dos pés, ela correu para a porta, acenando para que eu me apressasse. Na mesma hora calcei meus chinelos de dedo, e lhe estendi meu mindinho num ato de rendição.

— Vamos nadar, papai? — perguntou Alethea, toda animada, saltitante como um coelho que vai para uma colônia de cenouras.

— Sim querida, vamos nadar — respondi, já meio arrastado pela vontade indomável de uma criança de 2 anos.

Ainda não tínhamos virado à direita, que dava para a piscina, quando percebi que Alee havia errado o caminho. Porém, algo implícito em minha promessa me lembrou que deveria ser conduzido por Alethea, mesmo que isso significasse ir na "direção errada". Então, ela continuou a correr à frente — na direção do lago — enquanto falava animada que estava indo nadar na piscina.

Ao nos aproximarmos do lago, de súbito, Alethea parou e ordenou:

— Tire os sapatos, papai!

Eu os tirei. Como gostava de andar descalço, foi fácil fazer isso. Mas não esperava o que viria a seguir.

— Papai, ponha os meus sapatos! — Como se fosse algo natural para um homem de 30 anos, que calça 45, pôr sandálias cor-de-rosa em que mal entrariam seus dedos. Apesar disso, como você já deve ter imaginado, eu os calcei. E ela deslizou seus pequeninos dedos em meus chinelos e retomou nossa viagem. Nesse momento, comecei a sentir as primeiras inquietações da politicagem dos adultos ao mesmo em que lutava com a sensação de constrangimento.

No instante seguinte, estávamos parados perto do lago, olhando os patos e as ondulações suaves que causavam ao se retirarem. Ficamos parados lá. Ela, ao lado da minha mão direita, apenas observava aquela água serena. Segundos inocentes se tornaram um minuto edipiano. Em dado momento, perguntei-me se seria apropriado interferir com um e outro comentário de pai ou se deveria me conectar com ela num nível profundo — fazer algo que preenchesse o vazio do silêncio que nos envolveu. Tentei falar, mas ela me interrompeu:

Voltamos para nosso apartamento como veteranos de uma requintada ordem de coisas. Os vizinhos nos lançaram olhares interrogativos.

— Papai, não fale — Alethea pronunciou com a distinta imposição de uma criança 2 anos. Eu tinha prometido deixá-la conduzir, mas estava imaginando o que as pessoas que se exercitavam correndo nas proximidades estavam pensando agora das estranhas figuras mudas paradas perto do lago.

Então, ouvi pássaros. Não sou bom em identificá-los, mas aqueles sons claramente aviários vieram flutuando, curvando e se enternecendo com o vento, franzindo as saliências do frondoso verde acima de nós. Um murmúrio de sons, submisso e inesperado. Veio de repente — como a chegada triunfante do todo, onde antes havia apenas peças de um quebra-cabeça. Percebi liquens rastejando ao redor de uma árvore, a exuberância do solo sob os nossos pés, o grasnado dos patos com a intenção de se fazer ouvir. Foi um momento de um sutil "arrah!": percebi que tudo estava vivo. Entendi daquele modo tátil e expresso que o mundo material não era apenas um cenário para as atividades humanas, não era somente um ser estático ou um molde aguardando o arranjo de significados.

Após nos libertarmos do inesperado silêncio, brincamos de pintar o rosto e as mãos com a lama, de cutucar raminhos no solo úmido e argiloso, com ocasionais interrupções do grasnado característico nos rodeando. Voltamos para nosso apartamento como veteranos de uma requintada ordem de coisas. Os vizinhos nos lançaram olhares interrogativos.

Gaguejei argumentos fracos como “Ela gosta de sujeira”, ou algo parecido, tentando justificar nossa aparência enlameada. Ej foi ainda menos complacente e não tardou em nos mandar para o banho.

As manchas da aula de Alethea foram às únicas coisas que não foram lavadas nesse dia, e elas têm se mantido vivas a partir de então. Em uma época em que não podemos mais nos permitir ficar escondidos nas fortificações do “eu”, quando devemos empreender a longa e tempestuosa viagem na direção do “outro”, e a comunidade está fazendo um surpreendente retorno aos nossos diferenciais, acredito que estamos sendo convidados para a energia mais fascinante das coisas... para uma comunidade de propostas. Um “nós” mais intenso. Em situações difíceis com monstruosos “outros”. À compreensão de que conhecimento é confusão, a ação é dispersa, identidade é deformada e vaga, e o mundo é uma contínua materialização.

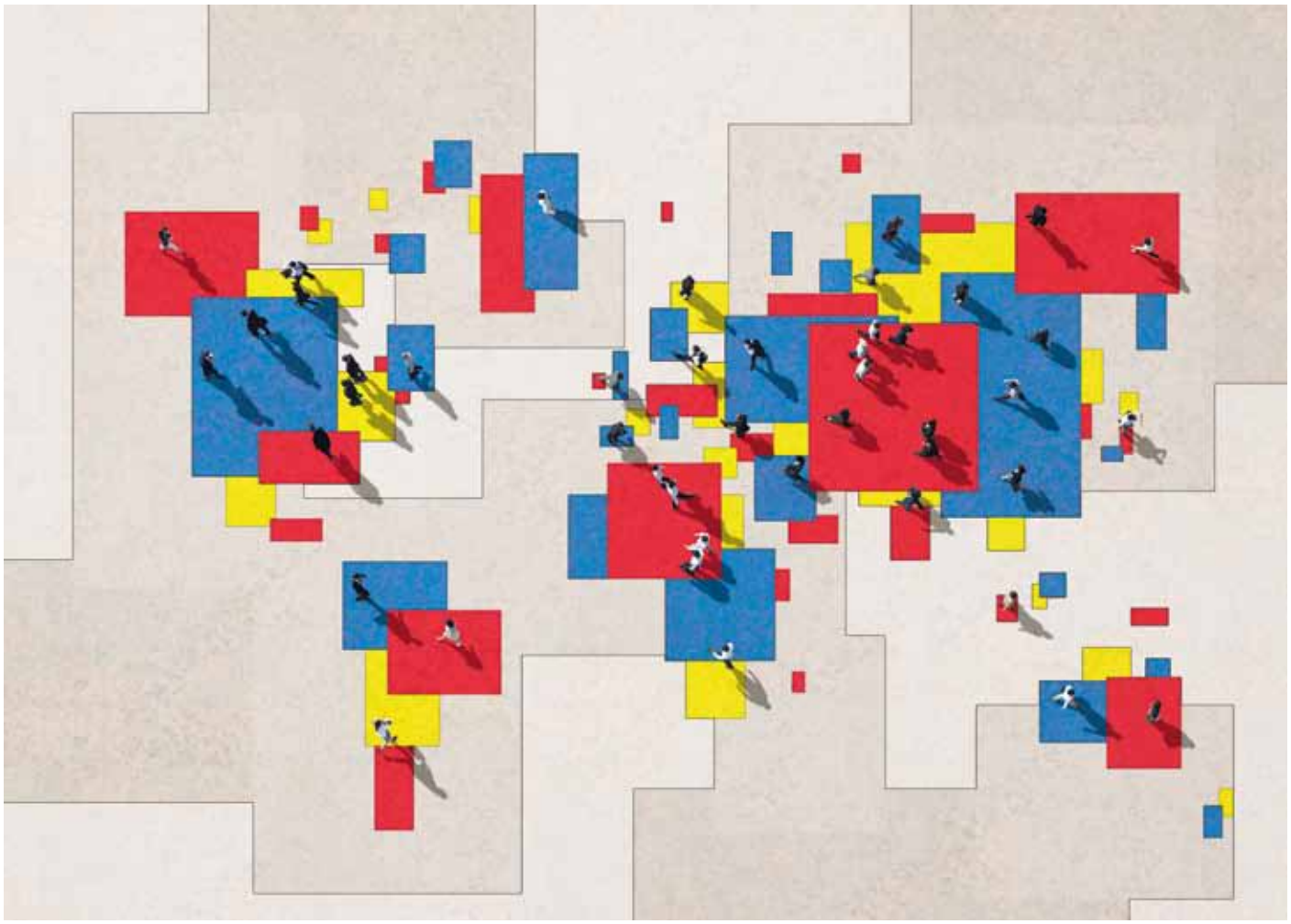
Agora nos encontramos no completo absurdo. As antigas premissas newtonianas-copernianas-cartesianas que sugeriram a centralidade do homem, a natureza autoevidente da verdade e das conquistas tecnoutópicas devem agora encarar um vasto alastramento de um corpo de micróbios disciplinados, liquens cambaleantes e crustáceos estoicos, lobos uivantes, lua almiscarada e, naturalmente, grasnado de patos. Na face de cada rocha, cada folha fecunda, cada nuvem grávida está tatuada a advertência de que não há regresso ao lar que já não seja um ponto de decolagem ou um local de partida problemático, e de que não há nenhum projeto de restauração que não seja real tentativa regenerativa de evitar a deslumbrante espontaneidade e vitalidade do mundo.

Para nós, os embriões gestantes neste útero da modernidade, a busca pela comunidade começa com uma afinidade com o monstruoso, com o mutilado, com o inesperado, com o confuso, com o escuro.

A aula de Alethea é nossa jornada mais aterrorizante e, ao mesmo tempo, nossa esperança mais poderosa: estamos retornando a terra e não chegaremos intactos.

Autor, orador e “manifestante” acadêmico, **Bayo Akomolafe** é mundialmente conhecido por sua atuação poética e contraintuitiva com respeito à crise global, ação civil e mudança social. É curador fundador/coordenador da “rede de emergência” (um projeto pós-ativista) e apresentador do curso on-line “We Will Dance with Mountains” [Nós Dançaremos com Montanhas]. É conferencista de psicologia clínica na Universidade Covenant, na Nigéria, e emissário especial da Aliança Internacional para a Localização.

Crédito da foto: © Gail Shotlander/Getty Images



Cidadania dialógica

A chave para um planeta habitável

Joseph A. Camilleri

Assim como assistimos à desintegração do Estado-nação e a crise de cidadania, a modernidade está se encaminhando para o fim, afirma ***Joseph A. Camilleri****, fundador e ex-diretor do Centro para Diálogo da Universidade La Trobe em Melbourne, Austrália. Neste artigo, ele propõe um novo quadro de atitudes e comportamentos — cidadania dialógica — que pode unir a humanidade atravessando as inúmeras barreiras que nos separam neste momento turbulento de transição dolorosa.*

O século 20 anunciou um período de profundas perturbações, marcado por duas guerras mundiais, a Grande Depressão, o Holocausto, o surgimento das armas nucleares e a Guerra Fria. Este século ainda está precariamente preparado. Basta pensarmos na mudança climática — por si só emblemática em meio à crise ecológica generalizada — na crise financeira, no terrorismo internacional e no desalojamento humano global.

Crédito da foto: © Hiroshi Watanabe/Getty Images

É como se o velho estivesse morrendo e o novo ainda tivesse que nascer. Nós vivemos em um mundo onde bens e serviços, dinheiro, tecnologia, armas, imagens, mensagens e pessoas estão atravessando as fronteiras com velocidade e intensidade surpreendentes. Na era da sobrecarga digital, estamos lutando para encontrar nosso equilíbrio.

Para entendermos essa atual turbulência, devemos nos situar dentro de um contexto evolutivo maior. As revoluções científica, tecnológica e econômica, que associamos à modernidade, são a última etapa em uma longa lista que aponta para o contínuo aumento da complexidade na organização humana.

Além do Estado-nação

Muitas evidências sugerem agora que a modernidade pode ter alcançado seu limite. Em nosso livro *Worlds in Transition* [Mundos em Transição, tradução livre], Jim Falk e eu identificamos como críticos cinco limites para um entendimento da atual transição: limites da soberania, do império, da identidade nacional como um padrão de legitimidade de governança, do crescimento e até mesmo da ciência e tecnologia.

O resultado final desses limites tem sido o desgaste da coerência e viabilidade intelectual da modernidade e das bases institucionais. A velocidade da mudança econômica, rapidez da comunicação, regulamentação inadequada de leis de mercado e o intenso impacto da atividade humana no ecossistema global tem proporcionado um efeito profundamente corrosivo nos alicerces do período moderno — especificamente, o Estado-nação.

As respostas dos governos ao longo das últimas décadas, incluindo o crescimento do direito internacional, assim como das instituições regionais e globais, podem ser vistas como tentativas iniciais para repensar como nós nos organizamos ao longo do tempo (por exemplo, obrigações para futuras gerações) e espaço, (relações entre comunidades, sociedades e Estados). Esses primeiros passos fazem parte de uma tendência mais ampla em direção a holoreflexividade — expansão da consciência da humanidade devido à necessidade de um diagnóstico holístico da nossa presente situação. Essa perspectiva holística é por si só uma premissa para gestão sustentável do aumento de volume, velocidade e intensidade dos fluxos transnacionais.

Os desafios que enfrentamos

Entretanto, o desenvolvimento das capacidades holoreflexivas permanece apenas como uma tendência que tem de lutar com tendências contrárias. A despeito do recente Acordo de Paris, o impasse virtual das negociações internacionais de mudança climática ao longo das duas últimas décadas é um notável exemplo da influência de mentalidades e interesses arraigados. Outro exemplo é a tendência contraproducente de grandes potências para empreender expedições militares, que quase nunca são a resposta para os difíceis conflitos sociais, econômicos e culturais, assim como dolorosamente nos lembram as catástrofes ocorridas no Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria e Iêmen. E ainda outro exemplo é o insucesso em encontrar soluções viáveis regionais e globais para o grande fluxo de refugiados.

A questão que surge é “Por que o caminho da holoreflexividade é disseminado com dificuldade?”.

Três obstáculos diretamente relacionados se destacam: a carência de uma estrutura de governança coerente e responsável; nossa incapacidade até o momento de conciliar demandas concorrentes de universalidade e pluralidade; e o fracasso em articular uma nova compreensão de cidadania.

Em relação ao primeiro obstáculo, vale ressaltar um fator: pouquíssima importância tem sido dada a como diferentes níveis governamentais interagem ou a como a implementação ou formação política podem ser geridas em diferentes níveis — local, estadual, nacional, regional ou global.

Como segundo obstáculo, até agora se mostrou ser extremamente difícil desenvolver uma agenda universalista que, de alguma forma, abranja diferentes identidades e vínculos emocionais que muitas vezes dividem comunidades étnicas, nações, raças, religiões e ideologias. Segmentações de ordem cultural, ideológica e política estão mais em alta do que nunca. Especialmente perceptível desde o fim da Guerra Fria tem sido o crescimento da solidariedade coletiva que reflete o aumento do nível de descontentamento e marginalização.

> A sociedade deve cultivar a empatia cultural, ou seja, uma profunda curiosidade e interesse pelo "outro".

Tensões subsequentes são com frequência exacerbadas pelos interesses econômicos, políticos e militares, demasiadamente dispostos a explorar tais diferenças e divisões para seus próprios fins. Nesse sentido, a inovação institucional e normativa das últimas décadas, incluindo a criação do sistema da ONU, apesar de poder reivindicar resultados notáveis, ainda é uma questão pendente. O desafio se encontra em harmonizar as necessidades da humanidade como um todo com cada uma de suas partes constituintes.

Devido a essas profundas tendências subjacentes, não é surpresa que aquela cidadania individualista e estadocêntrica possa estar em crise. A questão é "O que poderá tomar o seu lugar?". Claramente, estamos buscando novas maneiras de reconciliar a unidade e a pluralidade. Na visão de mundo cosmopolita, tal reconciliação é alcançada afirmando a igualdade de todos os cidadãos. Embora muito válido, esse princípio não ajuda quando se trata de lidar com as complexas realidades de etnia, conflitos civis e religiosos, e sobretudo com a divisão civilizacional que é produto do domínio ocidental ao longo dos últimos séculos, mas que agora está em rápido declínio. É neste contexto, como podemos ver, que a cidadania dialógica proporciona uma considerável promessa.

Cidadania dialógica

Apesar da turbulência dos nossos tempos, a cidadania permanece como um pilar essencial de governança legítima e humana. Entretanto, como a governança que a sustenta, ela necessita abordar um âmbito muito mais complexo do que o previsto pela teoria clássica democrática.

No mundo de hoje as atribuições da cidadania num mosaico multidimensional e variável de direitos e deveres refletem as múltiplas e inconstantes lealdades e formas de pertencimento. Um período de incerteza e até de tensão é inevitável. Porém, por tentativa e erro e pelos vastos programas educacionais reformulados e expandidos, a cidadania pode chegar a formas muito mais ricas de comprometimento. Para ilustrar, cidadãos devem ser aptos a participar de questões de sua vizinhança ou município de tal forma que estimule em vez de enfraquecer sua participação nas questões locais, nacionais, regionais ou mundiais.

Cidadania não pode mais ser concebida como algo vinculado a território. Enquanto um espaço particular ou uma comunidade permanece como objeto válido de vínculo, tal vínculo não constitui mais o foco exclusivo da cidadania. A nova cidadania deve estar aberta a oportunidades interessantes oferecidas no âmbito local, nacional e internacional pela diversidade cultural, religiosa e civilizacional. Classifico essa forma emergente de cidadania como "dialógica" em vez de "cosmopolita" ou "global" porque transmite mais clara e incisivamente o que a distingue das noções preexistentes de cidadania.

O diálogo nos oferece a mais promissora ponte entre o plural e o universal. Uma abordagem cosmopolita pode ser vista como um avanço perante o modelo de cidadania individualista, estadocêntrica. Essa abordagem ainda é insuficiente porque mesmo que se estendam os direitos e deveres de cidadania para todos os seres humanos, independentemente de limites nacionais, ainda expressam um inútil individualismo.

Noções individualistas de cidadania são nitidamente inúteis ao lidarmos com realidades complexas de diferenças étnica, racial, cultural e civilizacional. A solidariedade coletiva está se tornando mais, e não menos, importante. Além de sua variante nacionalista bem conhecida que frequentemente se opõe ao individualismo, uma série de outros tipos de solidariedade vem à tona: religiosa, tribal, étnica, racial, civilizacional e até ecológica. Muitos agora vivem com múltiplas identidades que permeiam fronteiras nacionais.

Nesse cenário, a inclusão de todos permanece como elemento essencial da cidadania dialógica. Mas aqueles a serem incluídos não são apenas indivíduos primariamente entendidos como glóbulos atomizados de interesse e desejo, mas como personagens sociais quem vêm a público discursar

uma miríade de identidades e solidariedades. A cidadania então possui dupla função: dar expressão a essas identidades e solidariedades e achar maneiras diferentes de negociação que são mutuamente benéficas e capazes de aprimorar o bem comum.

A partir desse breve esboço de futuras possibilidades, deve ficar claro que o diálogo não pode ser uma preocupação exótica de poucos intelectuais e dissidentes religiosos. Em termos práticos, o ethos do diálogo precisa ser largamente compartilhado e cuidadosamente cultivado. Deve se tornar parte integrante de processos educacionais em nossas escolas e universidades. Há muito mais do que o conhecimento sobre diferentes países, culturas e religiões, e tão importantes quanto o conhecimento. A sociedade deve cultivar a empatia cultural, ou seja, uma profunda curiosidade e interesse pelo "outro". Devemos aprender como lidar com a diferença cultural e o conhecimento de maneira que nenhuma pessoa ou grupo tenha monopólio sobre o conhecimento ou sabedoria, e que nenhuma cultura, tradição religiosa ou civilização detenha um monopólio sobre discurso ético.

Há muito a ser feito. Nessa empreitada, instituições educacionais devem receber suporte do governo em todos os níveis (nacional, estadual e local). Organizações internacionais, sociedade civil, empresários e filantropos têm papel igualmente importante a desempenhar, assim como os profissionais e a mídia. E quanto à religião? As comunidades religiosas são parte integrante da sociedade civil e estão em uma posição privilegiada, pois, por meio de sua escolas, faculdades de teologia, atividades litúrgicas, cerimoniais, pastorais e sociais, podem desenvolver a filosofia e a prática do diálogo intrarreligioso, inter-religioso e de contextos seculares.

A cidadania dialógica é o grande desafio do nosso tempo. Quão bem nós respondemos a esse desafio pode determinar quão bem corresponderemos ao clamor da terra e ao apelo dos pobres, dos fracos e vulneráveis.

Joseph A. Camilleri é professor emérito da Universidade La Trobe em Melbourne, Austrália, onde ocupou a cadeira de relações internacionais e fundou o Centro para Diálogo da universidade. Ele escreveu, pesquisou e lecionou em questões relacionadas a governança, direitos humanos, diálogo cultural e religioso, desenvolvimento, meio ambiente e segurança. Para mais informações, acesse www.josephcamilleri.org.

Crédito da foto: DHH/CC BY

Cultivando as raízes das comunidades resilientes

Daisaku Ikeda

Neste trecho de sua Proposta de Paz 2016*, intitulada* Respeito Universal pela Dignidade Humana: O Grande Caminho da Paz*, o presidente da SGI,* ***Daisaku Ikeda****, reflete como os esforços para proteger o ambiente natural podem ajudar a construir comunidades locais mais fortes.*

Hoje, cerca de 800 milhões de pessoas sofrem com a fome e a desnutrição. Aproximadamente 30% dos recursos do solo do mundo, base para a produção mundial de alimentos, passam por algum grau de degradação.

O solo saudável é de principal importância no ciclo do carbono e no armazenamento e filtragem de água, portanto, componente crucial do ecossistema. Mas, já faz tempo que não recebe a atenção que merece. Uma vez degradado, o solo não se recupera facilmente: pode levar mais de cem anos para reconstituir apenas um centímetro.

Embora o ritmo concreto do desmatamento global tenha diminuído, 13 milhões de hectares de floresta ainda são perdidos a cada ano, causando o grave impacto ambiental da perda da biodiversidade.

Crédito da foto: © Thomas Barwick/Getty Images

Estas ações aprofundam o senso comum da importância do ecossistema local e convida um crescente grupo de participantes a imaginar como as árvores que estão plantando hoje vão proteger a vida das pessoas.

Um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) expressa a importância de deter e reverter a degradação dos solos e da gestão sustentável das florestas do mundo. São desafios urgentes para proteger a integridade ecológica do nosso planeta e melhorar a captação de carbono.

Nos últimos anos, tem atraído cada vez mais a atenção o papel que as iniciativas para proteger o meio ambiente desempenham na redução do risco de desastres. A experiência do tsunami no Oceano Índico em 2004 ampliou essa consciência. Estudos descobriram que as comunidades costeiras, onde as florestas de mangue servem de barreiras biológicas sofreram, significativamente, danos menores do que as áreas costeiras onde não havia essa proteção.

Exemplos de projetos Eco-RRD incluem plantações de reparação para conter dunas de areia, de uso nas zonas úmidas para atenuar tempestades e ecologização de cidades no gerenciamento das águas pluviais.

Ações dos jovens

Cabe destacar o valor que surge do engajamento ativo e contínuo das pessoas de uma localidade. Em regiões atingidas pelo terremoto e tsunami de 2011 no nordeste do Japão, as crianças se envolveram ativamente no trabalho de plantar mudas para recuperar as florestas costeiras. Estas ações aprofundam o senso comum da importância do ecossistema local e convida um crescente grupo de participantes a imaginar como as árvores que estão plantando hoje vão proteger a vida das pessoas.

Num futuro próximo, quando eles passarem pelo lugar do plantio, darão à paisagem um sentido mais profundo do seu valor. Sentirão a importância essencial, ainda que inefável, do ecossistema no qual se inserem, do caráter inestimável de seu próprio envolvimento no apoio ao meio ambiente e de seu cuidado com a redução do risco de desastres. Essa consciência crescerá com as árvores que plantaram, fincando as raízes profundas de uma comunidade de fato resiliente. É assim que os esforços das pessoas em proteger o seu ecossistema têm o efeito direto de nutrir um futuro promissor para o lugar.

Recentemente foi lançado o Programa de Ação Global de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) que acompanha a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS). A participação da juventude é uma das prioridades do programa. Incentivo sinceramente os jovens e as crianças de todos os lugares a participar ativamente do Eco-RRD, em atividades como campanhas para plantar árvores.

O Quadro de Sendai adotado na Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (RRD), em março do ano passado, salienta que a RRD "exige engajamento e cooperação de toda a sociedade" e identifica crianças e jovens como "agentes de transformação", que deveriam ter espaço e modos de contribuir para a RRD.

Desde que a SGI, em conjunto com outras ONGs, propôs a criação da DEDS em 2002, realizamos exposições de sensibilização, *Sementes da Mudança: A Carta da Terra e o Potencial Humano* e *Sementes da Esperança: Visões de Sustentabilidade, Passos rumo às Mudanças*, ao redor do mundo. Ao longo dos anos, numerosos alunos, do ensino fundamental ao ensino médio, visitaram as exibições, tornando-as uma ferramenta eficaz para a educação ambiental.

Uma das razões pela qual a SGI dá grande importância à EDS é o incentivo da aprendizagem sobre os indissolúveis laços entre os seres humanos e seu meio ambiente e a promoção de ondas de pessoas de todas as idades que reúnam a "coragem da aplicação", que o presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, considera objetivo essencial da educação. Esperamos que isso os incentive a agir com determinação em suas respectivas localidades. Essas atividades locais sustentáveis abrem caminho seguro e eficaz para a proteção do meio ambiente mundialmente.

Daisaku Ikeda é presidente da Soka Gakkai Internacional e fundador de várias instituições que promovem a paz, a cultura e a educação. O texto completo da proposta está disponível em inglês em www.sgi.org/about-us/president-ikedas-proposals/.

Crédito da foto: © Seikyo Shimbun

Um futuro ético para a moda
Irmãos Inoue

Satoru e Kiyoshi Inoue, Dinamarca e Reino Unido

*"O estilo não pode ser produzido em massa", afirmam **Satoru** e **Kiyoshi Inoue**, membros da SGI e fundadores do estúdio de arte e design The Inoue Brothers [Os Irmãos Inoue]. Nesta entrevista, os irmãos discutem as ideias por trás de sua marca e sua visão para o futuro da moda. Fundado em 2004, seus negócios são baseados em um amor comum por duas culturas, a sensibilidade japonesa e a simplicidade escandinava — o que eles chamam de "Scandinasian Design" ["Design Escandiasiático"].*

Quais são as motivações e os ideais que guiam seu trabalho — tanto no sentido artístico quanto social? Quais são as fontes de inspiração?

Satoru: Temos pais de origem japonesa e crescemos em Copenhagen, Dinamarca. No final dos anos 1970, não havia muitos imigrantes na Dinamarca.

Kiyoshi: Crescemos sempre como uma família de "estrangeiros" — que pareciam diferentes do povo local dinamarquês, e nossos pais lutaram contra a barreira da língua, as diferenças culturais e o preconceito. Devido a isso, nós naturalmente fizemos uma rede de amigos que vieram de diversas origens étnicas e sociais.

Satoru: Nosso pai, Mutsuo, que faleceu em 1993, era designer de vidros, e nossa mãe, Satsuki, trabalhava para a Japan Airlines. Naquele tempo, era difícil viver como artista, o que significava que a modesta renda da nossa mãe tinha de sustentar toda a família.

Crescer em uma família de classe média baixa, sendo filhos de imigrantes, fez com que nos sentíssemos fortemente ligados às pessoas menos afortunadas. Desde muito jovens, compreendemos que somos parte uns dos outros — que nenhuma fronteira, condição social ou raça pode manter os seres humanos separados. Mas essa forma de ver as coisas, que herdamos dos nossos pais, também nos fez perceber quanta injustiça e discriminação há no mundo.

Kiyoshi: A justiça social e o empoderamento das pessoas comuns sempre foram o foco principal do nosso pai. Nós nos lembramos claramente quando ele voltou de uma exposição na África do Sul durante o *apartheid* e nos contou com lágrimas nos olhos sobre a injustiça que havia testemunhado.

Ele acreditava que a arte deveria ser sempre para as pessoas comuns. Mais importante que receber elogios da elite, a arte deveria evocar esperança e força nas pessoas mais simples. Ele nos ensinou que a arte e a cultura que não mudam a sociedade para melhor não fazem sentido. Muitas vezes ele disse: "No mundo tudo naturalmente é parte de uma harmonia universal, tudo está em equilíbrio. Isso às vezes pode significar a sobrevivência do mais apto, mas não há nenhuma discriminação. Mesmo o menor inseto ou planta tem papel único na simbiose holística".

Satoru: Nossos pais também foram budistas devotos e membros da SGI. Eles estavam entre os primeiros budistas na Dinamarca, e nós crescemos acompanhando a dedicação deles em compartilhar o budismo com outras pessoas e experimentando a alegria de uma vida altruísta. Dessa forma, fomos criados naturalmente com os valores e princípios budistas.

Nosso pai frequentemente compartilhava conosco os escritos de Nichiren Daishonin e nos ensinava a importância da natureza e da coexistência. Lembro-me dele nos dizendo: "A única coisa constante é a mudança. Tudo é transitório. Beleza e estética são expressões momentâneas da realidade em constante mudança. Estética deve ser uma expressão de beleza interior, uma homenagem à vida e expressão de uma interação criativa entre o mundo espiritual interior e do mundo material exterior. A natureza é o melhor professor da vida".

▲ Os irmãos Inoue, Kiyoshi (à esquerda) e Satoru (à direita), inspecionam equipamentos de manuseio de fibra de alpaca, Peru

Crédito da foto: Lennert Rog

Outra lição que me marcou foi que tudo vem da Terra e o que não tem nada natural é escuridão. Tudo está em tons cinza. Todas as cores na vida são reflexos da luz.

Kiyoshi: Durante os anos 1980, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, muitas vezes veio à Europa, e nosso pai era muito ativo na coordenação e no planejamento dessas visitas. Nosso pai faleceu quando Satoru tinha 15 anos e eu, 12. Ele ainda era jovem, mas por meio do relacionamento com seu mestre, Daisaku Ikeda, conseguiu nos ensinar como é importante ter um grande mestre na vida. Independentemente de fé ou religião, acreditamos que, se você é capaz de encontrar um mestre na vida que o motiva e o inspira a viver ao máximo, você é uma pessoa afortunada. Sentimos felicidade e gratidão por ter o mesmo mestre na vida que nosso pai.

Filosofia de negócios

Satoru: Em 2001, decidimos começar nossa própria empresa de design. O romance histórico de Daisaku Ikeda *A Revolução Humana* foi uma grande inspiração sobre como fazer isso. A obra é baseada na vida do segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, que era mestre do Sr. Ikeda. Ao lê-la, aprendi sobre como Josei Toda dirigiu seus negócios. Era um modelo de negócio revolucionário que não considerava o lucro, mas a mudança social positiva como objetivo principal. Esse romance foi um manual para o nosso estilo de negócio.

Kiyoshi: Nossa filosofia de negócios é baseada no comércio direto — um método de comércio que acreditamos ser a forma de fazer negócios do futuro. É um método ético em que focamos em ter contato direto com todos os elos da cadeia de suprimentos, cortando todos os intermediários, agentes e distribuidores. Dessa forma, asseguramos o contato direto com todos com quem trabalhamos. Essa é uma expressão do maior respeito que vai além do conceito tradicional de comércio justo.

Satoru: A razão pela qual queremos fazer isso é porque o custo extra de intermediários acabará por se tornar um fardo para os usuários finais, que são nossos clientes. Ao mesmo tempo, podemos garantir melhor lucro para aqueles do extremo mais baixo da cadeia de abastecimento, que são muitas vezes explorados pela indústria moderna.

Kiyoshi: Nosso conceito é muito simples — capacitação através de negócios. Vivemos em um mundo onde o crescimento constante e a eficiência de custos são mais valorizados que uma forma de pensar sustentável para encontrar um equilíbrio entre a humanidade e a natureza.

Nós sentimos que o pensamento empresarial moderno, com seu foco no "mais" gerou uma ganância imperceptível que, por sua vez, deu origem ao tipo de lógica autodestrutiva que justifica a exploração ambiental e humana. Essa maneira de

▲ Vencedores de um concurso de alpaca no Peru, organizado por The Inoue Brothers [Os Irmãos Inoue]

pensar criou a base para a produção em massa, um modelo que é glorificado porque resulta em preços mais baixos e inferiores gerando, simultaneamente, riqueza inimaginável para uma minoria, os oligarcas industriais.

Por meio de um processo de produção ética, esperamos redirecionar a atenção para o que acreditamos ser o verdadeiro valor, oferecendo ao usuário final uma forma alternativa de consumir e a oportunidade de apoiar um modelo de negócio que não comprometa os valores humanos e a qualidade. Em vez de convencer os clientes a comprar mais e mais apenas para satisfazer os investidores, estamos tentando fazer produtos que durem mais e proporcionem uma experiência com a marca que seja mais do que apenas um item de moda com benefícios superficiais para os clientes.

Grande parte do trabalho de vocês parece envolver colaboração e estreita atuação com diferentes comunidades e grupos de pessoas, que vão desde comunidades indígenas até designers de moda de alta qualidade. Poderiam dar alguns exemplos dessas colaborações e como elas surgiram?

Satoru: Em 2006, um grande amigo nosso estava escrevendo uma tese sobre a indústria de alpaca na América do Sul para a Universidade de Copenhagen. O tema principal de sua pesquisa era por que um material tão extraordinário como a fibra de alpaca estava lutando para entrar no mercado internacional e por que os pastores que vivem lado a lado com esses animais estão entre os povos mais pobres da América do Sul. Como parte de sua pesquisa, ele nos convidou para se juntar a ele em uma viagem à Bolívia para ver a situação do ponto de vista de designers e para obter uma opinião alternativa sobre o assunto.

Da Bolívia, também viajamos ao Peru em busca das melhores fibras do mundo, e como resultado formamos uma parceria com a Fazenda Pacomarca, localizada em Puno, província do sul do Peru.

Kiyoshi: Pacomarca é um centro de pesquisa que foi inaugurado para resolver a queda da produção de fibra fina ao longo dos últimos trinta anos na região andina. O patrimônio, a cultura e o modo de vida das comunidades indígenas nas inóspitas zonas rurais foram comprometidos por abandono do governo devido a seus interesses e pela falta de apoio e investimento das organizações educacionais. Mais de 5 milhões de indígenas vivem abaixo da linha da pobreza no Peru, tornando-os o povo mais pobre no país.

A Pacomarca realiza seminários para as comunidades de pastoreio, ensinando-lhes técnicas básicas de corte e procedimentos de triagem de fibras. Isso capacita os pastores com o conhecimento para gerar uma renda muito maior a partir de seus rebanhos — um aumento de até 25% — sem precisar investir em equipamentos caros.

Não é de modo algum caridade, mas uma situação de ganho mútuo para todos nós. Nosso relacionamento com

Crédito da foto: Lennert Rog

▲ Especialista em triagem de fibra de alpaca no trabalho, Peru

a Pacomarca resultou em sermos capazes de produzir a melhor lã de alpaca disponível no mundo hoje. No entanto, a principal razão do nosso amor pela fibra de alpaca são as pessoas que vivem com a alpaca. O estilo de vida e força dos pastores de alpaca são profundamente inspiradores, nos remetem à lembrança do valor insubstituível do mundo natural e os ricos valores de um estilo de vida humanista.

Satoru: Desde maio de 2011, trabalhamos também com a região de Tohoku, Japão, que sofreu com a devastação do tsunami causado pelo terremoto mais poderoso do país, em 11 de março daquele ano.

Lembro-me claramente do dia em que aconteceu. Ainda era cedo pela manhã na Europa, e por volta das 7 ou 8 horas comecei a receber telefonemas e mensagens dizendo para ligar no noticiário. No momento em que vi as primeiras imagens fiquei atordoado e chocado.

Pouco depois, meu irmão ligou de Londres dizendo: "Irmão, você está assistindo ao noticiário? Nós temos de fazer algo. Precisamos ajudar de alguma maneira". Depois ficamos em silêncio, olhos colados na tela enquanto observávamos a situação piorar.

Kiyoshi: Fomos ao Japão dois meses depois.

Quando chegamos, não tínhamos ideia do que faríamos. Saltamos do avião com forte determinação de fazer algo, não importava o quê. Começamos a ligar e a nos reunir com nossos amigos e parceiros em nossa rede para pedir orientação e ideias sobre como poderíamos estar envolvidos no apoio e na criação de trabalho para o povo de Tohoku.

Estávamos tão tristes e decepcionados ao saber que várias grandes marcas e varejistas japoneses optaram por suspender suas atividades em vez de apoiar a região nestes tempos difíceis. Aprendendo sobre o patrimônio têxtil da região, criamos uma coleção de camisetas simples, envolvendo fábricas que ainda estavam funcionando, mas sem trabalho. Desde a coleção inicial, nós nos mantivemos trabalhando e aumentando a produção para continuar nosso apoio à região de Tohoku.

Qual é a visão de vocês para o futuro do estúdio The Inoue Brothers?

Satoru: Sabemos que ainda somos peixes pequenos em uma indústria extremamente complexa e cruel — a indústria da moda —, mas nós, *The Inoue Brothers* [Os Irmãos Inoue], queremos sempre nos esforçar para nos tornar uma marca que inspire e influencie as grandes empresas a mudar sua maneira de fazer negócios, a adotar um modelo de negócio no qual as pessoas e a mudança positiva são consideradas mais importantes que o lucro e crescimento.

Kiyoshi: E o melhor de tudo é que fazer este tipo de trabalho nos faz sentir tão bem e revigorados!

Crédito da foto: Lennert Rog

Sementes da Esperança: o poder de uma única pessoa

Barbara Jenkins

Barbara Jenkins *Barbara Jenkins apresenta a exposição* Sementes da Esperança — Visões de Sustentabilidade, Passos rumo às Mudanças *e sua principal mensagem — o poder do indivíduo de mudar efetivamente e criar um mundo sustentável. A mostra foi criada por uma parceria entre a SGI e a Iniciativa Carta da Terra Internacional em 2010, e a partir de então já foi vista por cerca de 1,5 milhão de pessoas em 27 países. Barbara pronunciou um discurso na Universidade de Toledo, Ohio, na abertura de um evento chamado "Construindo um Presente Sustentável: O que uma Pessoa Pode Fazer?", em 10 de novembro de 2015.*

Ao longo da história, vimos exemplos de como as ações de uma pessoa mudaram o mundo: Mahatma Gandhi inspirou e mobilizou muitas pessoas a acabar com o pacto colonial na Índia; Martin Luther King Jr. estimulou pessoas pelos Estados Unidos a promover os direitos humanos; e a cientista, erudita e autora Rachel Carson — cujo amor e estudo pela natureza a levaram a escrever P*rimavera Silenciosa* , o manual para viver no planeta Terra — tornou-se a mãe do movimento ambiental contemporâneo.

Cada uma dessas pessoas tinha uma visão que era boa demais para ser ignorada. Essa visão os levou a seguir seu coração e alimentou suas determinações interiores. Cada uma começou com um pequeno passo, seguido por outro e então outro. Poderíamos olhar seus exemplos e, em vez de nos inspirarmos, pensarmos: "Jamais conseguiríamos conquistar qualquer coisa tão grande como eles". Especialmente diante das realidades dolorosas do mundo complexo de hoje, frequentemente é mais fácil sentir que somos muito pequenos para fazer a diferença.

Em um ensaio publicado no livro *Hold Hope, Wage Peace*, o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, oferece uma alternativa a esses sentimentos:

> Eu não acredito que as pessoas são incapazes... O mesmo poder que move o universo existe dentro de nossa vida. Cada pessoa possui imenso potencial — e uma grande mudança na dimensão interna da vida de um indivíduo tem o poder de tocar a vida dos outros e transformar a sociedade. Tudo começa conosco.

Nós estamos todos interligados. Toda ação que tomamos gera uma mudança no mundo ao nosso redor. John Muir, chamado "Pai dos Parques Nacionais dos Estados Unidos", declarou: "Quando tentamos escolher qualquer coisa por si só, descobrimos depressa que ela está ligada a tudo no universo, por milhares de fios invisíveis que não podem ser quebrados". A mudança acontece quando pessoas de visão, destemidas por um mundo em chamas à sua volta, continuam a emergir e perseverar. Elas são capazes de permanecer destemidas porque escolhem alimentar a chama da esperança queimando em seu coração. Como o Dr. King disse no auge do movimento pelos direitos civis, "Tudo o que é feito no mundo é feito por esperança". É um sentimento similar que inspirou a criação associada da exposição *Sementes da Esperança — Visões de Sustentabilidade, Passos rumo às Mudanças* pela SGI e pela Iniciativa Carta da Terra Internacional.

A exposição mostra pessoas ao redor do mundo que assumiram o desafio de gerar mudança. Um dos painéis, por exemplo, concentra-se em Wangari Maathai. A Dra. Maathai nasceu em uma área rural do Quênia, mas foi capaz de se tornar a primeira mulher da África Oriental a concluir o doutorado. Ela inspirou e ajudou mulheres e crianças a aprender como plantar árvores para impedir a erosão do solo que estava privando as comunidades de sua subsistência.

▲ Visitantes contemplam a exposição *Sementes da Esperança* na Nova Zelândia, um dos 27 países em que a mostra foi realizada

Pelo estabelecimento do Movimento do Cinturão Verde, as ações da Dra. Maathai resultaram em mais de 51 milhões de árvores sendo plantadas pelo Quênia e iniciando um movimento global que a partir daí inspirou a plantação de mais de 12 bilhões de árvores. O trabalho dela, que começou em 1977, foi reconhecido com o Prêmio Nobel da Paz quase trinta anos depois.

Outro painel retrata Joanne Wilkes, membro da SGI-Reino Unido, que comprou uma casa em Moss Side, Manchester, uma área conhecida pelo crime e atividade de gangues. Ela criou uma festa de rua na vizinhança que aproximou as pessoas e resultou em oportunidade para a renovação do bairro.

Quando cada uma dessas pessoas deu seus primeiros passos de ação local, não estava pensando em grandes resultados; entretanto, nossas ações, não importa quão pequenas sejam, têm um efeito de onda e podem, de fato, mudar o mundo.

O primeiro princípio da Carta da Terra inclui a declaração: "Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos".

Para ilustrar mais esse princípio importante, *Sementes da Esperança* é baseada na seguinte fórmula:

- **Aprender** e aprofundar o conhecimento dos problemas e realidades ambientais.

- **Refletir** em nossos modos de viver, renovando-os em direção à sustentabilidade.

- **Empoderar** pessoas a agir concretamente para solucionar os problemas que enfrentamos.

Por fim, o objetivo da exposição é plantar as sementes da esperança no coração de todos que tiverem a oportunidade de vê-la, para que possam reconhecer o potencial que cada um possui para agir concretamente e fazer mudanças em sua respectiva comunidade, e descobrir a diferença que podem fazer de fato, um passo de cada vez.

Barbara Jenkins é líder da Divisão Feminina da SGI-Estados Unidos e vem praticando o Budismo de Nichiren Daishonin por 41 anos. Barbara possui mestrado em pesquisa e metodologia da comunicação e é consultora independente de pesquisa de mercado.

Crédito da foto: © Seikyo Shimbun

▲ Bruno Sciuto: incansável curioso

◀ Márcia Gomes Feliciano: educadora e encantadora de gente

Resiliência e empoderamento

A pedagogia Soka em dois breves perfis distintos mas reveladores e complementares

O hoje professor e mestre em artes pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) ***Bruno Sciuto*** *sempre foi um incansável curioso. Desde jovem, essa curiosidade o levou a atravessar o Atlântico rumo à terra de seus ancestrais, a Itália. Ali, além de sua identidade, o então ator e músico Bruno encontrou a filosofia humanística do Budismo Nichiren que o conduziu, anos depois, aos braços afetuosos da educação. Atualmente, ele é coordenador do ensino fundamental 2 do Colégio Soka do Brasil.*

"Minha função é aproximar leitores dos livros. Encontrar a melhor maneira de estreitar os laços entre as pessoas e a literatura. Quem lê viaja, se encanta, se abre e se encoraja!", ressalta a também professora ***Márcia Gomes Feliciano****, feliz mãe de Giovana, Elias e Beatriz, e esposa de Roberto. Márcia é orientadora da Sala de Leitura da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Mário Marques de Oliveira, na zona sul da capital paulista. Qual é a amálgama que une esses dois educadores? Foi a busca por essa resposta que conduziu esta matéria e ao longo da qual esperamos levar nossos leitores.*

Créditos das fotos: Mônica Kimura/Arquivo Pessoal

Encontro consigo mesmo

Bruno chegou à Itália com 23 anos. Na época eram as artes cênicas e a música que o moviam rumo às novas e inovadoras sensações e descobertas. “Eu não sabia bem o que encontraria, mas algo me dizia que tinha de ir em busca da minha identidade”, revela. Perseguindo o sonho foi lá que entendeu que nada ou ninguém é maior ou melhor que o outro. Trabalhou em várias funções desde as consideradas mais subalternas até as ligadas às belas artes. “Foi ali que me forjei e me fortaleci”, indica com humildade o educador. Entre todas as descobertas vivenciadas, Bruno foi apresentado ao Budismo de Nichiren Daishonin por um grupo de jovens que tinha conhecido em um ponto de ônibus. “Foi uma revelação!”, exclama. Quando iniciou a prática budista sentiu do fundo do seu ser que era a sua essência que ali estava. “Era o que faltava na minha vida”, conta.

O retorno ao Brasil se deu quase uma década depois, e na mala trazia essa essência que lhe daria o direcionamento para o resto da vida. Junto com a carreira artística, passou a integrar o corpo de voluntários da Coordenadoria Educacional da BSGI no Núcleo de Arte/Educação. “Eu pensava que contribuiria para o núcleo. Mal sabia eu que era exatamente o oposto: o núcleo me preencheu”, confessa. E o “bichinho” da educação foi inoculado.

Desejando se tornar educador e sanar as múltiplas inquietações que o afligiam, Bruno sentiu que deveria cursar uma universidade e, depois de dois anos de cursinho, aos 37 entrou para o Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Cursou educação artística com habilitação em artes cênicas. Inspirado pela professora Luiza Helena da Silva Christov, decidiu realizar mestrado na mesma instituição. O caminho não foi fácil, e amargou a reprovação por duas vezes. Mas ele explica que na terceira tentativa todos os seus esforços foram contemplados com mais um sonho concretizado e a possibilidade de cursar mestrado com a professora que escolhera e que do seu ponto de vista representava a essência de uma educação humanística.

Sua pesquisa retratou a história do Núcleo de Arte/Educação do Departamento Ação Educativa Makiguchi da Coordenadoria Educacional da BSGI e sua feliz trajetória de transformação e superação em todos os locais em que seus projetos foram empregados. “Tratei de escrever e analisar a história deste núcleo por entendê-lo como parte integrante de minha própria história”, ressalta Bruno.

Intitulada *Filosofia Budista, Arte, Educação e Valor: A Experiência do Núcleo de Arte/Educação do Programa Ação Educativa Makiguchi*, sua dissertação de mestrado foi aprovada e teve o seguinte comentário da orientadora, a professora e doutora Luiza Helena da Silva Christov: “A contribuição do trabalho do

▲ O Colégio Soka do Brail foi onde Bruno descobriu sua verdadeira identidade como educador

Bruno abre novas perspectivas no campo da arte-educação e me deu uma imensa satisfação pessoal”.

Mais experiente e seguro, sentiu que a sala de aula era seu verdadeiro palco e onde se sentia feliz e realizado. Quase como se coroasse essa realização, ingressou como docente no Colégio Soka e, depois de oito anos atuando como professor de arte, foi convidado a ser coordenador do ensino fundamental 2. Sobre essa oportunidade, Bruno expressa: “Com certeza essa nova função representa uma maravilhosa oportunidade de poder compartilhar com meus colegas professores um pouco de minha experiência como professor e pesquisador”.

Bruno atuou por seis anos como voluntário na Coordenadoria Educacional da BSGI, trabalhou em vários projetos sociais da Prefeitura de São Paulo, desenvolveu projetos de percussão para jovens com diversos tipos de deficiências físicas e/ou mentais na Estação Especial da Lapa, que hoje se chama Rede de Reabilitação Lucy Montoro. Graças a todas essas atividades desenvolveu uma postura resiliente e humanista.

Um caso que o marcou muito foi quando trabalhou na Estação Especial da Lapa. Um dos atendidos era um aluno com diagnóstico de autismo. O garoto tinha muitas

Créditos da foto: Mônica Kimura

▲ É na Sala de Leitura que Márcia desperta seus alunos para a maravilha da Literatura

dificuldades em se comunicar, não falava e isso era motivo de grande preocupação para pais e educadores. Bruno começou devagar, transmitindo ao menino apenas ritmos simples e sempre verificando se ele conseguia repeti-los. "Mas depois com o passar do tempo percebi que, neste caso, os instrumentos de percussão e a música eram apenas um caminho para que ele pudesse se comunicar com o mundo, não importava qual ritmo estivesse tocando", declara Bruno. Ele se surpreendia e se alegrava a cada dia, pois, mesmo tocando algo bem diferente daquilo que eu pedira, o garoto havia se encontrado. "O importante era que, quando ele batia em um tambor, se sentia mais feliz, sorria e me abraçava, era emocionante!", exulta.

Durante esse período aprendeu muito com o garoto. Descobriu que deveria focar no aprendizado do aluno, não no conteúdo em si, e que não existia o "tocar errado", porque de uma maneira muito especial a música toca positivamente a vida das pessoas. "E essas pessoas tocaram e transformaram a minha vida profundamente também", assegura.

O educador diz que se sente sempre pronto a aprender e que a educação é um jogo difícil, pois lidamos com múltiplas vidas e cada aluno é diferente com sua própria característica e necessidades. "É preciso ter: bom senso (*ryoshiki*), sabedoria (*eichi*) e esperança (*kiboo*), para que as intervenções como educador surtam o efeito desejado apontando o melhor caminho para o desenvolvimento dos alunos", enfatiza. 'Bom senso', 'sabedoria' e 'esperança' são as três palavras contidas na placa que o fundador, o Dr. Daisaku Ikeda, dedicou à inauguração da sede própria do Colégio Soka do Brasil.

"A educação é o único caminho efetivo para a transformação social perene", conclui Bruno.

Intermediária entre mundos

"Tenho 43 anos e sou a caçula de cinco irmãos", inicia Márcia. Aos 7 anos, deparou-se com o primeiro grande sofrimento: a morte do pai, vítima de um AVC. Repentinamente tudo mudou na vida de todos os membros de sua família. "Lembro-me bem de ver minha mãe sempre triste, trancada no quarto, não aceitava as refeições... Foi uma época muito difícil", conta.

Foi uma vizinha quem a chamou para um dos encontros da BSGI e assim se deu o ingresso dessa família no universo místico e revelador da filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin. Em pouco tempo, Márcia presenciou a mãe renascer diante de seus olhos. Mesmo vivendo ainda a primeira infância, em sua inocência de criança descobria que ali estava um ensinamento que proveria tudo o que necessitasse em sua vida. "Eu me lembro daquele ambiente alegre e caloroso e das mulheres fortes contando suas vitórias sempre radiantes", exulta.

No início somente ela acompanhava a mãe. Mesmo sem entenderem muita coisa, ambas sentiam a radiância das mulheres que as acolhiam, e isso as aquecia. O prazer que encontrou nas atividades e na recitação do mantra Nam-myoho-renge-kyo era indescritível.

Aos 13 anos, foi trabalhar em uma escola particular, quando ainda cursava o ensino fundamental. Embora fosse um trabalho na área administrativa, foi nele que ampliou o olhar para a educação e o papel que a escola exerce na formação dos cidadãos. "Aquela experiência na rotina escolar me incentivou a buscar mais conhecimentos e decidi então fazer magistério e posteriormente faculdade de pedagogia!", exclama.

O curso lhe conferiu a segurança necessária para enfrentar seu primeiro desafio profissional: concurso público.

Na época já era voluntária na Coordenadoria Educacional da BSGI, atuando no curso de alfabetização para jovens e adultos. "Após muitos incentivos das líderes da coordenadoria, decidi

Créditos da foto: Arquivo Pessoal

> "Percebi o quanto é possível fazer a diferença ao assumirmos a responsabilidade de transformar uma circunstância e promover a união pelo bem comum"

me inscrever. Achava que não conseguiria, mas, para minha surpresa, fui aprovada!", diz radiante.

Ao iniciar as atividades na escola municipal, pensou em desistir por não se achar capaz de fazer algo que realmente transformasse a realidade da escola e das crianças. "Logo no início eu reclamei com o Roberto [seu marido], sobre a carência de recursos em que a escola se encontrava", afirma. Em vez de consolá-la, ele lhe disse simplesmente: "Mas é por isso que você está neste lugar!".

Resolveu ficar e pôr a mão na massa. Envolveu-se nos projetos e campanhas da escola para captação de recursos por meio de doações e da participação ativa da comunidade. "Quando mudamos nosso coração, nosso ambiente também muda. Seria inútil lamentar a situação; ao contrário, eu estava diante de uma grande oportunidade de aprendizado e compartilhamento, dar o meu melhor por um objetivo único", enfatiza.

Diante do grande resultado, sentiu-se cada vez mais forte e encorajada a seguir em frente. "Percebi o quanto é possível fazer a diferença ao assumirmos a responsabilidade de transformar uma circunstância e promover a união pelo bem comum", explica.

Hoje, atua como professora orientadora de Sala de Leitura na rede pública municipal. Márcia, com sua simpatia e paixão pelos livros, tornou-se naturalmente a pessoa certa a exercer a função logo após a aposentadoria da professora que atuava na sala há mais de vinte anos naquela escola.

E, ao assumir seu posto, Márcia se viu diante de um novo desafio: aproximar crianças e jovens deste universo mágico da leitura. A sala é um verdadeiro oásis de saber e deslumbramento, denominado Espaço de Magia e Saber — Sala Cecília Meirelles. Na primeira aula, com a turma de adolescentes, propôs que os leitores compartilhassem suas experiências, fazendo uma roda de conversa. Como leitora assídua, contou um pouco de sua trajetória nessa prática da leitura.

Foi na pós-graduação que conheceu a obra e a vida do escritor Luiz Alberto Mendes,[1] ex-presidiário que passou mais de trinta anos encarcerado e que teve sua vida totalmente modificada pela literatura. "Ele conta em seu primeiro livro que, quando esteve na cela solitária, um companheiro de prisão leu para ele um livro inteiro", descreve. Luiz tinha de "colar" o ouvido no vaso sanitário para conseguir escutar a narrativa através da tubulação de água. Na vasta lista de livros lidos estava O Conde de Monte Cristo. "E essa experiência mudou a sua vida!", exulta Márcia. Essa história foi o estopim de uma verdadeira revolução em sua atuação enquanto orientadora de leitura.

Para inaugurar essa nova fase, Márcia contou a história de Luiz aos alunos e levou para a sala vários exemplares da obra O Conde de Monte Cristo. "Qual não foi a minha surpresa quando os alunos disseram: 'Esse não professora, o outro!'. Eles queriam o livro do Luiz, queriam conhecer a história dele", surpreende-se. Diante de tão enfática solicitação, Márcia leu — em muitas sessões — todas as 420 páginas que foram atentamente absorvidas por dezenas de pares de ouvidos.

Diante dessa incrível experiência, a professora pesquisou e conseguiu o contato do autor. Trocou mensagens até se armar de coragem para convidá-lo a conhecer os jovens leitores. Sob o olhar de uma plateia atenta e ávida — Márcia reunira duas turmas —, Luiz discorreu sobre sua vida e sobre o papel da leitura, para deleite de sua audiência. "Foi um momento muito especial" afirma ela.

O espaço de magia e saber concebido por Márcia é um local totalmente carregado de intencionalidade, onde a organização reflete o que se busca de forma a permitir que crianças e adolescentes se sintam em sintonia com o objetivo do lugar. "Para que o momento da leitura seja significativo e prazeroso, a organização do espaço se torna especialmente relevante", explica.

Um espaço com múltiplas possibilidades também contempla diferentes leitores, não só pelo tipo de texto que se lê, mas também pela relação de cada pessoa com a leitura. Ao organizar o espaço para viabilizar a autonomia e a socialização dos estudantes, buscou-se focar ainda na relação dos leitores com os livros e com a leitura. "As crianças e jovens estão se construindo como leitores. E construindo diferentes relações com a leitura, não só pelas particularidades de cada faixa etária, mas também pelas particularidades individuais", conclui a encantadora de leitores Márcia.

Nota: 1. O escritor Luiz Alberto Mendes é autor de diversos livros, como *Memórias de um Sobrevivente*, *Cela Forte*, *Às Cegas* e como o de poesias intitulado *Desconforto*. Passou por momentos violentos e marcantes em sua vida e encontrou na literatura a liberdade. Na penitenciária, tomou gosto pela leitura e começou a escrever os primeiros traços de um inconfundível estilo. Atualmente, Luiz ministra palestras e oficinas literárias, e há mais de dez anos é colunista da revista *Trip*.

O Sutra do Lótus

O Sutra do Lótus é amplamente reconhecido como um dos sutras ou escrituras sagradas mais importantes e influentes do budismo. Nele, Shakyamuni expõe a verdade suprema da vida para a qual ele foi iluminado. A mensagem principal do sutra é que o estado de buda, o estado supremo da vida caracterizado pela infinita compaixão, sabedoria e coragem, é inerente a todas as pessoas sem distinção de gênero, etnia, posição social ou capacidade intelectual.

O Sutra do Lótus é um ensinamento que incentiva o envolvimento ativo com a vida mundana e todos os seus desafios. O estado de buda não é uma fuga desses desafios, mas fonte inesgotável de energia positiva para enfrentar e transformar os sofrimentos e contradições da vida e criar felicidade. Como o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, tem escrito, o Sutra do Lótus é fundamentalmente um ensinamento de empoderamento. Ele "nos ensina que a determinação interior de um indivíduo pode transformar tudo; confere expressão máxima ao potencial infinito e à dignidade inerente a cada vida humana".

Realidade suprema

No início do sutra, Shakyamuni declara aos seus discípulos que o princípio, ou "lei", para o qual ele se tornou iluminado é de tal profundidade que é complexo expressá-lo, e que pode ser compreendido somente por meio da sabedoria do buda. É a realidade suprema da vida — a Lei fundamental que sustenta o funcionamento de toda a vida e do universo e é expressa como todos os fenômenos. Embora esta Lei Mística não possa ser facilmente explicada, está contida no sutra, e dedicando-se a este sutra e compartilhando-o com os outros, Shakyamuni diz que seus discípulos e seguidores futuros podem despertar para essa lei na própria vida.

Em sânscrito, a língua em que foi escrito pela primeira vez, o título do sutra é *Saddharma-pundarika-sutra*. Várias traduções distintas para o chinês foram feitas a partir da versão em sânscrito do sutra, entre as quais a tradução realizada por Kumarajiva (344–413), intitulada *Miao-fa-lian-hua-jing* (Myoho-renge-kyo, em japonês), foi considerada particularmente notável e facilitou a disseminação do ensinamento na China e no Japão.

Caminho supremo

No século 6, o grande professor budista chinês Tiantai (538–597) teve papel decisivo para asseverar a supremacia do Sutra do Lótus entre os ensinamentos de Shakyamuni. Tiantai constatou uma distinção profundamente significativa entre a primeira e a segunda metade do sutra, em que uma perspectiva radicalmente nova sobre o budismo é aberta. Nesta, Shakyamuni refuta a ideia de que primeiro atingiu a iluminação durante a sua vida na Índia e revela que ele era de fato um buda desde o passado inconcebivelmente remoto. Este ensinamento aponta para a verdade de que o estado de buda existe como uma realidade presente e eterna na vida de todas as pessoas.

Cerca de 1.500 anos após a morte de Shakyamuni, Nichiren Daishonin (1222–1282), sacerdote budista no Japão, cristalizou a realidade suprema exposta no Sutra do Lótus de forma universalmente acessível. Ele a definiu como "Nam-myoho-renge-kyo", a Lei fundamental que é a essência de toda a vida e de todos os fenômenos. Seus ensinamentos abriram o caminho para todas as pessoas despertarem para sua natureza de buda. Eles são a realização da intenção do Sutra do Lótus, a intenção que equivale ao desejo compassivo que é a essência do budismo, como expresso pelas palavras de Shakyamuni no 16º capítulo ["A Extensão da Vida", do Sutra do Lótus] que são recitadas diariamente pelos membros da SGI:

Medito constantemente:
Como posso conduzir as pessoas
ao caminho supremo
e fazer com que adquiram rapidamente o corpo de um buda?

Crédito da foto: © Meg Takamura/Getty Images

Restabelecendo nossa humanidade

Com base na crença de que a ação e a consciência de cada indivíduo fazem diferença, a exposição *Restabelecendo nossa Humanidade* foi criada para incentivar os espectadores a pensar sobre o que eles podem fazer nos níveis individual, comunitário e global para examinar os desafios humanitários coletivos que o mundo enfrenta.

Essa exposição de 20 painéis, criada pela SGI junto com a Rede Asiática de Resposta e Redução de Desastres, destaca iniciativas nos níveis individual e comunitário e mostra a contribuição de pessoas que estão na linha de frente das crises humanitárias. Ela convida os espectadores a reafirmar seu compromisso global com a humanidade e a trabalhar juntos visando a soluções humanistas para os desafios de hoje.

Veja os painéis da exposição em www.sgi.org/content/files/in-focus/2016/Restoring-Our-Humanity.pdf. Para mais informações sobre a disponibilidade desta mostra para uso educacional, escreva um e-mail para contact@peacesgi.org.

Créditos das fotos: UN Photo/Martine Perret; © ASEAN Youth Leaders' Association; © SEEDS/Aakash Vishwakarma; adapted from https://www.humanitarianresponse.info

Rodovias de Xangai
Crédito da foto: Dhi/CC BY

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação budista leiga que promove a paz, a cultura e a educação com base no profundo respeito pela dignidade da vida. Os membros da SGI abraçam a filosofia humanística do Budismo Nichiren e atuam em 192 países e territórios.

A partir de um entendimento mútuo dos laços inseparáveis entre a felicidade individual e a realização de um mundo pacífico, os associados da SGI se empenham para manifestar seu potencial inerente, ao mesmo tempo em que contribuem para a comunidade local e lidam com os problemas comuns que a humanidade enfrenta. Os esforços da associação para criar uma cultura de paz estão alicerçados num firme compromisso com o diálogo, a não violência e um senso de cidadania global, cultivados por meio da prática budista diária.

Como organização não governamental (ONG) filiada às Nações Unidas, a SGI também colabora com outras organizações da sociedade civil e com agências intergovernamentais nas áreas do desarmamento nuclear, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, dos assuntos humanitários e do diálogo inter-religioso.

No Brasil, a SGI se faz presente por meio da Associação Brasil SGI (BSGI), com sede em São Paulo e representações em diversas cidades brasileiras.

Soka Gakkai International
Budismo em ação pela paz

15-3 Samoncho, Shinjuku-ku
Tóquio 160-0017, Japão

Site da SGI: *www.sgi.org*
Site da *SGI Quarterly* (edição em inglês): *www.sgiquarterly.org*

A equipe editorial da SGI Quarterly (edição em português) recebe ideias e sugestões pelo site: *www.bsgi.org.br*